

BÁRBARA ALEXANDRA PEREIRA GUERREIRO

**A Construção de Conhecimento sobre Efemérides:
Descrição de uma Intervenção Pedagógica em
Contexto de Educação Pré-Escolar**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

BÁRBARA ALEXANDRA PEREIRA GUERREIRO

A Construção de Conhecimento sobre Efemérides: Descrição de
uma intervenção pedagógica em Contexto de Educação Pré-
-Escolar

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Doutora Teresa Cosmo Domingos Maló Sequeira

Doutora Maria da Glória Carriço de Santana Paula



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2024

**A CONSTRUÇÃO DE CONHCEIMENTO SOBRE
EFEMÉRIDES: DESCRIÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA EM CONTEXTO PRÉ-ESCOLAR.**

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Bárbara Alexandra Pereira Guerreiro

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice de Figuras	iv
Índice de Quadros	iv
Lista de Siglas e Acrónimos	iv
Capítulo I – Enquadramento Teórico-Concetual	1
1.1 Cultura.....	1
1.2. Efemérides	4
1.2 Património Cultural	8
1.3. Cultura, memória e educação no processo de desenvolvimento da criança	11
1.4. O papel do educador de infância na promoção da educação cultural com as crianças.....	15
Capítulo II - Metodologia	19
2.1 Natureza do estudo.....	19
2.2 Questão de investigação	21
2.3 Objetivos gerais	22
2.3.1 Objetivos específicos	22
2.4 Participantes e contexto educativo.....	22
2.4.1 Caracterização do contexto educativo.....	22
2.4.2 Caracterização da sala de atividades.....	23
2.4.3 Caracterização dos participantes.....	24
2.5 Procedimentos metodológicos, técnicas e instrumentos de recolha	24
2.5.1 Observação participante.....	24
2.5.2 A pesquisa documental.....	25
2.5.3 Diário e notas de Campo.....	26
2.5.4 Registo Fotográfico e Vídeos	27
2.6. Planificação das atividades	27

2.6.1 Desenvolvimento das atividades.....	29
Capítulo III – Resultados.....	35
3.1 Apresentação e interpretação dos resultados.....	35
Capítulo IV – Considerações Finais.....	40
4.1. Limitações do estudo.....	42
4.2. Sugestões para estudos futuros.....	43
Referências Bibliográficas.....	44
Apêndice.....	48
Apêndice A – Consentimento informado aos Encarregados de Educação.....	48
Apêndice B – Planificações das Atividades Realizadas.....	49
Anexos.....	53
Anexo 1 – Narração da história: Eu Digo Obrigado, de Aurélie Chine.....	53

“Aqueles que passam por nós não vão sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

(Antoine de Saint-Exupery, s.d.)

In memoriam, Avôs, Bisavós e Gui.

Agradecimentos

A redação deste relatório de investigação marca o término de uma grande etapa na minha vida, foi sem dúvida o culminar de um percurso bastante longo e intenso, mas muito rico em aprendizagens, tanto a nível pessoal como profissional. Foram cinco anos, e não posso deixar de expressar a minha gratidão a todos aqueles que cruzaram caminho comigo e estiveram presentes nos bons e nos maus momentos e este agradecimento é para todos vós que me ajudaram a alcançar este objetivo.

Em primeiro lugar, agradeço às minhas orientadoras, Professora Doutora Teresa Maló Sequeira e Professora Doutora Maria da Glória Paula, por não desistirem de mim, pela compreensão demonstrada nos piores momentos, pela paciência e por toda a ajuda na execução deste relatório.

Agradeço aos meus pais mãe e irmãos. Obrigada por todo o esforço e dedicação no meu percurso académico. À minha restante família - avós, tios e primos que me apoiaram incondicionalmente nesta jornada. Obrigada por fazerem parte da mesma.

Às minhas colegas de turma, Maria Inês e Emma, que partilham também o gosto pela educação de infância, tal como eu. Obrigada pelo apoio mútuo durante estes dois anos, pelas partilhas e pelo companheirismo durante todo o nosso percurso académico.

Às minhas amigas do Alentejo e às de Faro, agradeço o apoio, amizade, companheirismo que, apesar da distância estiveram sempre presentes. Também à Daniela Guerreiro e à Maria Helena quero agradecer pelo apoio e pela amizade transmitidos desde o dia em que as nossas vidas se cruzaram na Universidade.

À instituição que me acolheu de braços abertos, à Educadora de Infância que me proporcionou momentos únicos de aprendizagem, a toda a comunidade educativa que me fez sentir em casa e ao grupo de crianças, desafiantes, mas amorosos ao longo de três meses. Obrigada por todos os momentos vivenciados.

À Marisa, uma profissional excepcional, que me apoia incondicionalmente, sem baixar os braços, me escuta e ajuda há mais de dois anos.

Por fim, agradeço à Professora Ivone Machado que, para além de ter sido professora, foi a amiga que me segurou o barco quando o queria largar. Ajudou-me, não me deixou desistir, transmitindo as palavras certas para me levantar, reerguer e acreditar em mim. Obrigada, professora, sem o seu apoio teria desistido deste sonho.

Resumo

O presente Relatório, intitulado “A Construção de Conhecimento sobre Efemérides: Descrição de uma intervenção pedagógica em Contexto de Educação Pré-Escolar”, incide sobre o trabalho desenvolvido na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), em Educação Pré-escolar, e procura analisar e compreender a importância da comemoração das Efemérides no Jardim de Infância e verificar até que ponto as crianças constroem conhecimento quando as Efemérides são apresentadas no seu quotidiano.

Nesta investigação participaram vinte e cinco crianças e respetiva Educadora de Infância, de uma instituição de Faro. A investigação tem como ponto de partida a questão de investigação – Será que a Comemoração das Efemérides proporciona a construção de conhecimento às crianças? Neste sentido, os objetivos gerais do relatório consistem em (i) averiguar se a partir da comemoração de Efemérides no Jardim de Infância as crianças desenvolvem o conhecimento e (ii) definir uma forma como a comemoração de Efemérides deverá ser realizada com base nos documentos orientadores, nomeadamente as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) e Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC).

Foram realizadas análises aos documentos da instituição. A partir da observação participante, recolheram-se registos fotográficos e vídeos, bem como notas de campo e reflexões, após a realização das atividades com o grupo de crianças.

Verificou-se que as Efemérides são datas que se destacam no nosso calendário, estando presentes no quotidiano da instituição de educação pré-escolar e que as crianças conseguem construir conhecimento, nomeadamente cultural, valores e sentido de pertença à sociedade. Relativamente ao grupo de crianças, todas demonstraram entusiasmo e interesse pelas atividades realizadas.

Palavras-chave: Efemérides; Conhecimento; Educação de Infância; Cultura; Jardim de Infância.

Abstract

The present report, entitled "The Construction of Knowledge about Celebrations: Description of a Pedagogical Intervention in a Preschool Education Context", focuses on the work developed within the Supervised Teaching Practice (STP) course in Preschool Education, and seeks to analyse and understand the importance of commemorating ephemeris in kindergarten and to see to what extent children build knowledge when ephemeris are presented in their daily lives.

This research involved twenty-five children and their preschool teacher from an institution in Faro. The investigation is based on the research question: Does the commemoration of ephemeris promote children's knowledge construction? In this regard, the general objectives of the report are (i) to determine whether children develop knowledge through the commemoration of ephemeris in kindergarten and (ii) to define how these commemorations should be conducted, based on guiding documents such as the Curricular Guidelines for Preschool Education (OCEPE), the Student Profile at the End of Compulsory Schooling (PASEO), and the National Strategy for Citizenship Education (ENEC).

Institutional documents were analyzed, and data were collected through participant observation, including photographic and video records, as well as field notes and reflections, following the activities conducted with the group of children.

The findings indicate that ephemeris are significant events in our calendar and are integrated into the daily life of preschool education institutions. Furthermore, children demonstrate the ability to construct knowledge, particularly regarding cultural aspects, values, and a sense of belonging to society. Concerning the group of children, all participants exhibited enthusiasm and interest in the activities carried out.

Keywords: Celebrations; Knowledge; Preschool education; Culture; Kindergarten.

Índice de Figuras

Figura 2. 1 - Parque exterior.....	23
Figura 2. 2 - Exterior da instituição.....	23
Figura 2. 3 - Conto da história.....	29
Figura 2. 4 - Pintura das flores.....	29
Figura 2. 5 - L. a pintar a sua flor.....	30
Figura 2. 6 - O decorrer das duas atividades.....	30
Figura 2. 7 - Elementos da exploração musical.....	31
Figura 2. 8 - Preparação da sala para a atividade de exploração musical.....	31
Figura 2. 9 - E. a explorar o triângulo.....	32
Figura 2. 10 - Exploração em grande grupo dos sons agudos e graves.....	33
Figura 2. 11 - Material utilizada para a atividade do Dia Mundial do Riso.....	33
Figura 2. 12 - O riso.....	33
Figura 2. 13 - O sorriso do G.....	34
Figura 2. 14 - S a terminar o seu desenho enquanto se olhava ao espelho.....	34
Figura 3. 1 - Construção das oficinas de robôs pelas crianças.....	39
Figura 3. 2 - Mural do Dia do Pijama.....	39
Figura 3. 3 - Construção do postal pelas crianças.....	39
Figura 3. 4 - Construção de elementos natalícios.....	39

Índice de Quadros

Quadro 2.1 - Resposta das crianças a pergunta: O que é o obrigado(a)?.....	29
Quadro 2.2 - Respostas relacionadas com a pergunta: Vocês dizem obrigado(a)?.....	30
Quadro 2.3 - Comentários que o grupo fez durante a exploração autónoma.....	31
Quadro 2.4 - Resposta das crianças à pergunta: O que é um compositor?.....	32
Quadro 2.5 - Respostas relacionadas com a pergunta: Como podemos fazer música?..	32
Quadro 2.6 - Respostas a pergunta colocada pela investigadora.....	33

Lista de Siglas e Acrónimos

EE – Encarregados de Educação

ENEC – Estratégia Nacional da Educação para a Cidadania

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

PASEO – Perfil dos Alunos à Saída Escolaridade Obrigatória

PCG – Projeto Curricular de Grupo

PES – Prática de Ensino Supervisionada

NEE – Necessidades Educativas Específicas

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar

Capítulo I – Enquadramento Teórico-Concetual

A Educação de Infância, mais precisamente a educação em Creche e a educação Pré-Escolar constituem dois pilares na vida das crianças, onde têm o seu primeiro contacto com o mundo exterior. Segundo João Costa, anterior Secretário de Estado da Educação,

Apostar na educação como principal fator de desenvolvimento humano e social significa acreditar que não há fase da vida em que a educação não seja crucial (...), a educação cultiva-se desde o início da vida, com uma educação rica e geradora de indivíduos equipados com ferramentas para aprender e querer aprender (OCEPE, 2016, p.6).

É nos primeiros anos de vida que a criança toma consciência do mundo, que aprende com o mesmo, que está aberta a diversos e novos estímulos, novos saberes e novas culturas. É nesta etapa que novos elementos surgem na sua vida, muitos deles assimilados, durante o crescimento, e outros, com ajuda dos familiares, da instituição e dos/as educadores/as de infância, como são exemplos os aniversários, os dias de festa e as Efemérides em geral.

Através das Efemérides e da aquisição de novos saberes e estímulos, a criança vai apropriar-se cultura, de acordo com a sociedade em que está inserida. Esta cultura é importante para que a criança saiba viver em comunidade, seguindo (ou não) as crenças predominantes na mesma. Veremos a sua importância seguidamente.

1.1 Cultura

Em 1871, o antropólogo, Edward Burnett Tylor, elaborou o conceito de Cultura, que definiu como “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes ou quaisquer outros hábitos e capacidades adquiridas pelos seres humanos enquanto membros da sociedade” (citado por Cuche, 2006, p.40).

No Dicionário de Antropologia, Barfield (1997) corrobora a definição de Tylor, segundo a qual a Cultura se define como um conjunto complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e todo o conjunto de hábitos adquiridos pelo homem

como membro de uma sociedade. Esta definição ainda é hoje recorrente, pois a cultura compreende aqueles traços humanos que são aprendidos e transmitidos social e mentalmente, em vez de biologicamente. Porém, muitos outros antropólogos deram o seu contributo para uma compreensão mais ampla de cultura. De acordo com o Dicionário de Antropologia, Franz Boas (1911) desafiou a conceção evolucionista do século XIX, que concebia a "cultura" num plano singular, assumindo que todas as sociedades possuem uma versão mais ou menos avançada da mesma herança. Franz Boas refere *Culturas* no plural, sublinhando a diversidade e a impossibilidade de estas se medirem face a um suposto padrão de evolução, dado que na vida humana não é possível encontrar processos sociais e culturais uniformes, sendo necessário escapar a qualquer simplificação.

Já Benedict (1997) sublinhou que os seres humanos possuem a mesma herança biológica na qual existe uma imensa plasticidade que sustenta conjuntos muito diversos de valores, instituições e comportamentos. Daí ser crucial considerar a diversidade de formas de vida humana em sociedade: língua, maneiras de viver, de habitar o espaço, organização política, vida doméstica, instituições religiosas, ideias, persuasões cosmológicas, vestuário. Em todas estas manifestações, a tónica está na imensa diversidade e variabilidade da vida humana social e cultural, existindo padrões emocionais típicos de determinadas culturas (Barfield, 1997).

De uma forma mais clara e concisa, no século XXI, Edgar Morin (2002, p.61) refere que “a cultura é constituída pelo conjunto de saberes, saber-fazer, regras, normas, interdições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos que se transmitem de geração em geração”. Mais recentemente, Mendes (2012) relata que a cultura “seria constituída por uma amálgama informe de comportamentos e procedimentos os mais díspares, desde que adquiridos e transmitidos por via não genética: tudo – produções mentais e materiais, crenças, usos e costumes, (...)” (p.21).

A conceção de cultura, desde Tylor até aos dias de hoje, pouca modificação teve na sua definição integral. A cultura acompanha-nos e é definida como o conjunto de instituições, conhecimentos, saberes, costumes, tradições, formas de organizar a vida doméstica e a vida pública e de se relacionar com as realidades visíveis e invisíveis, que são transmitidas de geração em geração, reservada não apenas aos adultos, mas destinando-se também às crianças.

A cultura é intrínseca e com ela abarcam-se características específicas e individuais. Para um bebé ou uma criança, de tenra idade, que pouco ainda sabe sobre o mundo que a rodeia, é fundamental mostrar-lho e as características do meio social onde vive. Tal como Lopes da Silva (2016) refere “a criança deverá ter oportunidade de desenvolver um sentimento de pertença (...) com influências diferentes, resultando numa comunidade plural em termos de vivências, culturas, valores, etc.” (p.88).

Dar a conhecer às crianças o que é cultural, as normas culturais, as regras, os desafios, é determinante para que estas se adaptem, evoluam, não só pessoalmente, como socialmente, pois a cultura permite ao homem não só adaptar-se ao meio, mas também adaptar este a si próprio, às suas necessidades e aos seus projetos. (Cucho, 2006, p. 24).

Viver a cultura é dar a conhecer o mundo ao qual se pertence, o que se deve ou não deve fazer, é mostrar o que existe para além das portas da sala, que é bastante rico e determinante para quem o vivencia.

Neste sentido, a Creche e o Jardim de Infância devem promover experiências reais e significativa na criança, em que a mesma consiga ter contactos com o mundo e com a cultura, uma vez que a exploração de aspetos relacionados com a cultura possibilita “compreender as semelhanças e as diferenças entre o que acontece no seu tempo e nos tempos de vida dos pais, dos avós e outros mais distantes” e, além do mais, “permitirá à criança conhecer as características da sua e outras comunidades, os seus hábitos, costumes, tradições e elementos do património cultural e paisagístico” (Lopes da Silva, 2016, p. 89).

Em conformidade com as OCEPE (2016), e consoante Lopes da Silva (2016), o desenvolvimento das crianças processa-se como um todo, cujas dimensões cognitiva, social, cultural, física e emocional se interligam, atuando em conjunto (p.10). Assim, é importante que estas percebam que existem momentos importantes da sua vida pessoal e da comunidade de pertença, tais como os aniversários - os dos próprios e os do restante grupo - e as Efemérides/festividades, promovendo-se assim a área do conhecimento do mundo social e, por sua vez, a área da formação pessoal e social.

1.2. Efemérides

Construir conhecimento acerca das Efemérides, nomeadamente das portuguesas e da cultura portuguesa, na faixa etária dos três aos seis anos de idade, viabiliza a criação de “ferramentas” essenciais para o desenvolvimento de múltiplas competências, tais como: o sentido de pertença à sociedade; a construção de novos conhecimentos; a criatividade; o sentido estético; e a noção de temporalidade (ainda que aos três anos de idade as crianças se encontrem em pleno desenvolvimento cognitivo). O contacto com diferentes Efemérides deve ser desenvolvido de forma a desencadear, desenvolver e aprimorar competências a nível social, cultural e histórico.

A palavra Efeméride está muito presente nos dias que decorrem e em vários contextos sociais de tal forma que é revelante relembrar o seu significado. Efeméride significa “facto importante ou grato ocorrido em determinada data; a comemoração de um facto importante, de uma data, etc; ou obra que regista factos ocorridos no mesmo dia do ano em diferentes anos” e deriva do prefixo *Efmerid*. De acordo com os autores, é “cada dia, quotidiano, memória ou efeméride histórica” (Houaiss & Villar, 2005, p. 3164).

Com o propósito de complementar o seu significado, Siede (2010) salienta que “a palavra Efeméride vem de Efemérides, o que significa ‘o que dura um dia’” (p.4). E sublinha que:

As festas sempre foram um encontro de socialização, de relação entre gerações, de transmissão cultural. Em todas as cidades antigas encontramos alguns momentos, marcos ao longo do ano, em que a comunidade se reunia para celebrar, celebrar e comunicar uma tradição às gerações mais novas. (Siede, 2010, p.4).

Realçando as perspetivas dos autores enunciados, são datas que marcam a história ou acontecimentos que já vêm sendo comemorados ao longo de muitos anos com uma abordagem cultural que integra as vivências e os significados históricos que lhe são atribuídos no local em que se comemora. Portanto, são “datas que relembram eventos históricos e culturais e também podem fazer parte do costume ou tradição de um povo” (Tomazzetti & Palauro, 2016, p.151).

Sintetizando o que foi referido, as Efemérides são a celebração de datas ou momentos importantes do passado ou do presente que fazem parte da nossa cultura e, de

acordo com o dicionário da língua portuguesa, são caracterizadas como “notícia do que aconteceu em determinado dia de um ano; relações dos factos de cada dia” (Sampaio e Melo & Costa, 2001, p.644). Entendemos assim por que a palavra Efeméride seja tantas vezes enunciada no quotidiano, já que marca a história da Humanidade, assumindo significados próprios e importantes para a sociedade (como os dias de festa ou os aniversários).

A referência às Efemérides é um tema usual na nossa atualidade que provém dos antepassados. Oliveira (1995) afirma que a criação do seu livro sobre as Festividades Cíclicas em Portugal surgiu “para que não desaparecesse para sempre a possibilidade de se saber e compreender o que haviam sido as maneiras primordiais de viver e trabalhar da nossa gente” (p.5), isto é, para que não caíssem em esquecimento, mas pudessem ser interpretadas da forma autêntica.

Ernesto Veiga de Oliveira (1995) intitulou a sua obra, que faz referências às Efemérides, como “Festividade Cíclicas”. Com o objetivo de compreender o mesmo, recorreu-se ao dicionário para esclarecer: Cíclico é “relativo ou pertence a ciclo (natural, social, cultural, etc); que se encontra ou retorna periodicamente”. Por sua vez, cíclico deriva de ciclo que significa “o espaço de tempo durante o qual ocorre e se completa, com regularidade, um fenómeno ou um facto, ou uma sequência de fenómenos e factos” (Houaiss & Villar, 2005, p. 2044/2045).

Considerando o significado de Efemérides e Cíclico, poder-se-á afirmar que existe uma interligação, uma vez que ocorrem num determinado ano, no mesmo dia. Assim, as Festividades Cíclicas remetem para um período temporal e as Efemérides ocorrem apenas num dia.

Em Portugal, são diversas as festividades celebradas e comemoradas ciclicamente, nomeadamente o Natal, a Páscoa, o Dia de São Martinho, o Carnaval, o Halloween, a Primavera, o Inverno, entre muitas outras. As Efemérides remetem para o Dia do Amigo ou o Dia dos Avós. Na verdade, estes dias são festejados todos os anos nas instituições educativas e estão presentes no calendário escolar.

Para Costa (2022), “as festividades cíclicas acontecem ano após ano desde dezenas de séculos e que sofreram alterações de acordo com as transformações sociais” (p.14), nomeadamente, o Carnaval ou Entrudo que estava relacionado com a religião, o que já não acontece nos dias de hoje.

De acordo com a autora, o Carnaval representava as “celebrações da entrada do novo ano agrícola e da chegada da primavera” (Costa, 2022, p.26). No passado, ideologicamente, o Carnaval não se apresentava como um dia em as pessoas se mascaravam e desfilavam, antes era considerado um marco para os agricultores e para a entrada num novo ciclo de plantações agrícolas. Atualmente, para o senso comum, o Carnaval perdeu a conotação relacionada com a agricultura. Nas instituições e em determinadas regiões do país é somente comemorado num dia em cada um se veste de acordo com o que mais se identifica e sai para desfilas nas ruas. Inclusivamente, existem cidades que comemoram o Carnaval durante vários dias. Outro aspeto relacionado com o Carnaval, atualmente ainda presente na sua celebração, é a presença de sátiras disfarçadas à sociedade, representadas e ilustradas nos desfiles carnavalescos. Oliveira (1995, p.17) refere que no Carnaval são construídos adereços/bonecos humorísticos, galhofeiros e satíricos que representam a voz do povo, a crítica e a opinião sobre a vida social vivida. Maioritariamente, são críticas ao setor político, de forma leve e com bastante humor subjacente.

Muitas destas datas têm um passado. Outrora, em Portugal, a Páscoa, por exemplo, era uma época característica de presentes cerimoniais, nomeadamente de natureza alimentar e os presentes de Páscoa eram mencionados como “Folares” (Oliveira, 1995, p.417). De acordo com as informações recolhidas por Oliveira (1995), nos tempos passados, os folares eram uma prenda de padrinho para afilhado, vista como uma obrigação dos padinhos que marcava a relação singular que existe entre as celebrações da Páscoa e as regras cerimoniais. Bettelheim (2003) reforça que, originalmente, a celebração destas festas incluíam vestimentas rituais ou mágicas como, por exemplo, o uso de objetos ou adornos referentes à Páscoa.

A Páscoa é uma das poucas festividades móveis, significando que a sua data não é fixa em relação ao calendário civil (Monteiro, 2017, p. 52). Comparando com o passado, a Páscoa, bem como outras festividades, foram perdendo alguns traços da sua celebração, adquirindo novas perceções e novos festejos. Atualmente, de uma forma mais moderna e modificada, a Páscoa está associada à imagem do coelho, dos ovos de chocolate ou amêndoa e dos folares, não como uma prenda religiosa, mas apenas como doce tradicional.

Outro exemplo seria o dia de São Martinho, celebrado a 11 de novembro, por muitos, lembrado com uma lenda. Em Portugal, de um modo geral, é festejado com castanhas e vinho, uma vez que no passado os agricultores produziam vinho propositadamente para encetar no dia de São Martinho (Oliveira, 1995, p.925).

A maneira como celebramos a maior parte dos dias de festa mudou muito e isso deve-se à evolução do ser humano e das sociedades onde vive. O Natal, outrora uma festa religiosa em que apenas as crianças recebiam presentes, tornou-se a partir do século XIX uma festa mais familiar e os presentes são trocados entre todos. Presentemente, o Natal é também festejado nos Jardins de Infância sendo, muitas vezes, realizadas festas com as famílias e demonstrados valores às crianças como, por exemplo, a importância da presença da família e de comportamentos solidários e empáticos para com o outro.

Com a evolução do mundo global, surgiram novas culturas e famílias oriundas de outros países, trazendo consigo padrões culturais e costumes diferentes dos portugueses. A par desta evolução, é indispensável trabalhar educativamente valores como o respeito, a partilha, a solidariedade, a aceitação, o amor, a paz e a interajuda a todos os seres humanos. Esta missão pertence a todos. A família, a sociedade, os grupos sociais e os “educadores devem respeitar os valores e cultura de cada criança e assim não restringir a comemoração à festividade cristã” (Ramos, 2014,p.36). Com esta perspetiva, o mesmo autor elucida que enquanto sociedade devemos olhar para todas as culturas com respeito e aceitação.

Tal como as festas tradicionais se modificaram ao longo dos séculos, também nós, enquanto seres humanos, devemos modificar a nossa maneira de celebrar os dias nas instituições educativas. Ribeiro et al. (2019) destacam que “as festas renovam-se em ligações, com os contextos das comunidades e produzem novos sentidos para quem nelas participa” (p. 10). Transpondo para o contexto de educação pré-escolar, é importante e é necessário observar e pensar mediante as intenções educativas, adequar (se for necessário) as celebrações a todos os grupos de crianças.

Bettelheim (2003) declara que as comemorações sobre datas importantes são imprescindíveis para as crianças, uma vez que estas conseguem viver experiências, sendo colocadas no foco da sua aprendizagem. Por sua vez, estes eventos ajudam a criança a construir a compreensão sobre o mundo e a aprender sobre tradições, valores e histórias importantes para a sociedade.

Em suma, Bettelheim (2003) reforça que todos os feriados adquirem um significado mais profundo por meio de conotações mágicas para as crianças. Se privarmos a criança do caráter cultural dos dias celebrados, os mesmos perdem o caráter simbólico e, ao mesmo tempo, deixam de produzir efeitos reconfortantes e enriquecedores para o seu desenvolvimento.

Consideramos, portanto, que as Efemérides podem proporcionar momentos educativos e divertidos para a criança no Jardim de Infância, devendo-se potenciar experiências gratificantes para as suas vidas. Neste sentido, do ponto de vista educativo, é muito importante a sua abordagem celebrativa e simbólica. Com isto, as crianças vão adquirindo conhecimento acerca da cultura do seu país e do património cultural do mesmo – tema desenvolvido no subtópico seguinte.

1.2 Património Cultural

Através da cultura que as crianças vão adquirindo, é inevitável que conheçam um pouco do património cultural que as rodeia. Importa, assim, ter conhecimento acerca deste conceito e do que ele envolve.

Martins (2020) salienta a importância da noção de património cultural como elemento comum da humanidade. O autor enfatiza a ideia de que o património não pode submeter-se a "uma visão estática e imutável", pois sendo "um conjunto de recursos herdados do passado", é "expressão de valores, crenças, saberes e tradições em contínua evolução e mudança" (Martins, 2020, p. 7). Neste sentido, o património está correlacionado com o conceito de diversidade cultural e com a necessidade de se fomentar, no plano educativo, o respeito entre as culturas e as expressões da sua criatividade, a memória e a responsabilidade de "transmissão do património às futuras gerações" (Martins, 2020, p. 8).

Houaiss e Villar (2005) mobilizam uma visão mais estrita de Património, definindo-o como “bem ou conjunto de bens naturais ou culturais de importância reconhecida num determinado lugar, região, país ou mesmo para a humanidade, que passa(m) por um processo de arrolamento para que seja(m) protegido(s) e preservado(s)” (p. 6153). Evocando o que foi anteriormente redigido, compreende-se que a cultura integra as crenças, os valores do passado, os costumes, entre outros, existindo então uma

ligação entre a cultura e o património, uma vez que ambos são herdados do passado e fazem parte do presente. Assim, tendo como visão a perspetiva de Martins (2020) o “património surge como um primeiro recurso de compromisso democrático em prol da dignidade da pessoa humana, da diversidade cultural e o desenvolvimento durável” (p.5).

De acordo com o Artigo 2.º na alínea 1, da Lei n.º 36/2021, de 14 de junho, “para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização”; na alínea 4 pode ler-se “integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesa”. São as marcas culturais dos nossos antepassados que, ao longo dos anos, constituem uma representação e simbolização pois, enquanto seres humanos somos provenientes de uma cultura, cultura essa que é passada de geração em geração, na qual se herdam costumes, tradições, hábitos e noções de comunidade. Muitos dos costumes e tradições remetem para o nosso património em diversas áreas e este património carrega história e passado.

Costa (2017) propõe que o Património Cultural é composto pelos bens que testemunham o valor cultural de uma comunidade. Acrescenta que, após a Segunda Guerra Mundial, o conceito abrangia também tudo o que tinha significado especial para um grupo. Neste sentido, pode-se afirmar que todos somos herdeiros e que o património cultural é a nossa herança cultural (Mendes 2012). Temos consciência de que somos herdeiros de um passado é, ao mesmo tempo, temos consciência da história, reconhecendo que o que somos se deve, em parte, ao nosso passado, às culturas e ao que se aprende durante os anos de vida (Mendes, 2012, p.15).

O património viaja no tempo, não é estático. Assim, consideramos que compreender o Património implica não só conhecer a sua história (no período da sua criação e utilização), mas perceber a forma como esse património chega até nós e como as várias gerações o perspetivam (Costa, 2017).

Desta forma, no que concerne ao património cultural, é importante especificar que o mesmo não se refere apenas aos valores do passado, sendo fundamental perspetivar o património como uma realidade viva.

De acordo com a definição de Património Cultural, baseada nas definições de convenções internacionais e na literatura de instituições como a UNESCO, existem duas

categorias de importância pertencentes a este – o Património Cultural Material e o Património Cultural Imaterial.

O Património Cultural Material refere-se ao que é material (um bem tangível), dividindo-se em Imóvel (igrejas, ermidas, casas...) e Móvel (escultura, pinturas, máquinas, elementos de adorno...). (Costa, 2017).

De acordo a definição da UNESCO (2003), Património Cultural Imaterial inclui todas as tradições ou expressões vivas herdadas dos nossos antepassados e transmitidos aos nossos descendentes, nomeadamente, tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial; artes do espetáculo; práticas sociais, rituais e eventos festivos; conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo; aptidões ligadas ao artesanato tradicional. Neste sentido, representa um espólio de saberes herdados, que se definem enquanto referência cultural, e que estão associados com a nossa cultura e identidade, como o Fado, o Carnaval de Podence ou o Canto Polifónico do Alentejo.

Martins (2020) declara que a importância do dever de não esquecer, “é extensível a todo o legado histórico (...) o valor do património cultural, material e imaterial exige a aceitação da verdade dos acontecimentos” (Martins, 2020, p. 17). Tal como a cultura que nos identifica enquanto seres e sociedade, o mesmo acontece com o património cultural que se encontra intrinsecamente ligado.

Ao mencionar que temos um património cultural e histórico e que na sociedade pode ser assumido como identidade cultural, implica conceber que cada cultura tem a sua identidade, ou seja, o património é o núcleo da identidade coletiva, que viabiliza que nos reconhecemos e que sejamos reconhecidos (Mendes, 2012, p.17).

Partindo da ideia de que o património faz parte da nossa identidade cultural, é natural que este defina as características de um grupo de indivíduos/de uma comunidade. Assim, a identidade cultural é própria a cada indivíduo que pertence a uma comunidade com história, arte, música e geografia numa perspetiva de diversidade.

1.3. Cultura, memória e educação no processo de desenvolvimento da criança

A educação pré-escolar tem um papel crucial na construção do desenvolvimento da criança como um todo, incluindo, por exemplo, a sua identidade cultural, dado que proporciona várias situações de aprendizagem significativa, permitindo-a desenvolver múltiplas competências e conhecimento.

Vygotsky, nos seus estudos sobre o desenvolvimento intelectual da criança, vem referenciar a importância que as palavras têm para as crianças. Segundo Vygotsky (2007), cada palavra é um microcosmos da consciência humana. Acrescenta que é a partir do desenvolvimento do pensamento e da linguagem que se encontra a compreensão dessa mesma consciência humana (p. 151). Segundo a teoria histórico-cultural de Vygotsky, os indivíduos constituem-se através de processos de maturação orgânica, como também através das suas interações sociais (Rego, 1995, p.109).

Vygotsky, na percepção de Rego (1995), “chama a atenção para o facto de que a escola, por oferecer conteúdos e desenvolver modalidades de pensamento bastante específicos, tem um papel diferente e insubstituível, na apropriação da experiência culturalmente acumulada” (p. 104). Vygotsky refere que a escola é fundamental para a criança. Em alguns casos, é na escola que esta começa a ter contacto com diferentes culturas ou valores que não os do seu meio envolvente, e isso fornece-lhe uma nova bagagem de saberes, não só da sua cultura, como também de outras.

Ter um olhar atento sobre a criança e sobre o seu património cultural é crucial na educação de infância, uma vez que pode potenciar o seu desenvolvimento e a compreensão do mundo. Magalhães et al. (2016) transmitem esta mesma visão afirmando que “a educação tem, portanto, um papel central no processo histórico de transmissão, ou seja, a transmissão/apropriação do conhecimento científico (nas) suas formas mais desenvolvidas” (p. 219).

Sendo as OCEPE (2016) um documento que, tal como o nome nos indica, orienta o educador no trabalho sobre as áreas da Formação Pessoal e Social e Conhecimento do Mundo, alude para “(.. .) o contacto com as diferentes formas de cultura”, não apenas numa só área, mas “presentes em todo o desenvolvimento do currículo”, sendo que, “os

saberes, a curiosidade e o desejo de aprender das crianças são alargados através do contacto com as diversas manifestações de cultura” (Lopes da Silva, 2016, p. 33 e 48).

Deste modo, deve-se alargar o conhecimento, empatia e a descoberta de novas realidades desde muito cedo com as crianças. Em concordância com Puskás e Anderson (2017), a Pré-escola é vista como um importante contexto socializador, sendo uma das suas tarefas transmitir a herança cultural de uma geração para a outra.

É na educação de infância que devemos proporcionar às crianças momentos lúdicos e atividades que promovam o conhecimento sobre o campo cultural. Apresentar e relatar momentos culturais importantes, demonstrar, a partir de atividades e explorações, o passado, a cultura, relatar momentos vividos e até encenar pequenas peças de teatro são exemplos ilustrativos de promoção da cultura.

Apesar de ser na educação pré-escolar que as crianças devem ter contacto com diversas culturas, é necessário não esquecer que são crianças. Muitas ingressam com três anos e ainda não desenvolveram o raciocínio lógico, daí ter-se especial atenção que poderão não compreender o significado integral das Efemérides. Como refere Almeida (2019) “(. . .), nem sempre é claro que as crianças compreend[am] o significado cultural das datas que estão a celebrar”. São necessários sensibilidade e foco sobre a criança, adequando as festividades ao seu desenvolvimento cognitivo. Portanto, o foco das profissionais de educação não deverá compreender somente a celebração, em si, das Efemérides, mas a construção sustentada e planificada de conhecimento pelo grupo de crianças, de acordo com as suas características. Por conseguinte, após a observação e reflexão sobre o grupo, estabelecem-se quais as efemérides e as respetivas formas de celebração, de modo a criar-se uma planificação personalizada e apropriada.

Ainda a título de exemplo, Almeida (2019), no seu blogue, explica que “não se deve acabar com as celebrações das Efemérides, mas sim dar espaço para que compatibilizem as várias festividades e tradições e para que estas surjam a partir das crianças e famílias”. Na realidade, em virtude do que é observado no quotidiano da educação pré-escolar, a celebração de festividades não surge das crianças, mas de um calendário anual de festividades que se vai instituindo tacitamente. Sem espaço de preferência na seleção de quais comemorar, sobrecarrega-se o grupo e as profissionais de educação e conseqüentemente surge um trabalho “em série” para que tudo esteja pronto no prazo definido.

Nesta mesma perspectiva, Tomazzetti e Palauro (2016) mencionam que, na maioria das vezes, as atividades relacionadas com as Efemérides são propostas pelos profissionais das instituições sem ser feita uma pesquisa sobre o interesse do grupo, sem se proceder a uma reflexão sobre o seu conhecimento ou cultura (p. 151). Na mesma ótica, Ostetto (2000) salienta que trabalhar somente as Efemérides poderá conduzir a uma “fragmentação dos conhecimentos, pois em determinada semana os professores trabalham o início da primavera, e na outra já entram com o Dia da Criança, tudo isso trabalhado superficialmente e de forma descontextualizada” (p. 3).

Efetivamente, no cotidiano nas instituições, a pressão de se celebrar todas as Efemérides e a azáfama do dia a dia reforçam o esquecimento do objetivo fundamental e a intencionalidade inerentes à celebração das Efemérides. De certa forma, o trabalho começa a ser mecanizado, tornando-se tão fugaz que se perde o foco nas crianças, de tantas “lembrancinhas e trabalhinhos”. Deste modo, deixa-se cair em esquecimento a importância da efeméride, os valores e as aprendizagens que, a partir dela, se podem construir.

É importante planejar de acordo com as características, necessidades e interesses, o desenvolvimento e a velocidade de trabalho de grupo, pois só assim teremos um ambiente tranquilo, no qual se consegue estimular o conhecimento objetivado e realizar todas as atividades previstas. Não precisamos de comemorar mil e uma Efemérides e de realizar tudo. Parece ser mais produtivo proporcionar conversas estimulantes com o grupo, sobre temas do seu interesse, para construir aprendizagens e promover o seu desenvolvimento.

Ostetto (2000) e Tomazzetti e Palauro (2016) não referem que se deva acabar com as comemorações das Efemérides, mas, sim, pesquisar-se acerca das mesmas, fazer um trabalho reflexivo e organizar uma proposta pedagógica e um desenvolvimento do currículo que se torne significativo para as crianças e, posteriormente, para os profissionais. É necessário e (diria) fulcral não olhar apenas para as Efemérides como um acontecimento “obrigatório”, mas como um acontecimento que promova a ampliação de experiências e a construção de conhecimentos para as crianças, de acordo com as suas necessidades e culturas.

É importante assumir a criança como centro da atenção e indivíduo potenciador da sua aprendizagem, pois “as crianças vão aprender o mundo que as rodeia quando

brincam, interagem e exploram com os espaços, os objetos e materiais” (Lopes da Silva, 2016, p.85) de acordo com os seus ritmos. Segundo a autora, é fulcral que se “(. . .) esteja atento aos interesses das crianças e às suas descobertas, para escolher criteriosamente quais as questões a desenvolver, interrogando-se sobre o sentido para a criança, a sua pertinência, as suas potencialidades educativas e a sua articulação com os outros saberes” (Lopes da Silva , 2016, p.88).

Não obstante, ao refletir-se sobre as Efemérides, é primordial compreender que num grupo de crianças, poderão existir diversas culturas, devendo-se incluir sempre todas estas, para que “o conhecimento do contexto escolar (. . .) as características físicas, culturais, da comunidade, tantos em termos mais restritos - rua, bairro, localidade , como em termos mais alargados - outras zonas dos país, outros países” (Lopes da Silva, 2016, p.88) integrem o contexto social como um todo. Só desta forma se promove a educação multicultural, onde existe espaço para a criança desenvolver o sentido de pertença e o dos outros no mundo, construindo os alicerces de uma identidade global, que assenta justamente no respeito pela diversidade cultural.

Nesta perspetiva, assumindo que existem diferentes culturas num grupo de crianças, Puskás e Anderson (2017) realçam que na educação pré-escolar, as tradições são celebradas, muitas vezes, com um significado reconstruído. Assim, é exequível celebrar várias datas para todas as culturas. Ora, deste modo, “a pré-escola pode ser vista como um agente de mudança” (p.35). Nesta ótica, é perfeitamente viável celebrar determinadas Efemérides de forma a respeitar todas as culturas, quando, por exemplo, se evita aprofundar aspetos específicos e intrínsecos. Por exemplo, no Natal, trabalhar os valores de cada cultura, ser a criança e/ou família a relatar como comemoram o Natal no seu país ou, por exemplo, quando se associa uma música à efeméride, esta ser conhecida nas diferentes línguas e não apenas na portuguesa são formas de inclusão que permitem atribuir novos significados às Efemérides, reconstruídos de acordo com as especificidades do grupo.

Desenvolver o sentido de pertença a uma cultura, realçar a importância da valorização do património cultural e da comemoração de Efemérides contribuem para o desenvolvimento da criatividade, sentido estético e pensamento crítico. A sua abordagem de forma intencional “(. . .) proporcionará também múltiplas oportunidades de apreciar a beleza, noutros contextos e situações, contactos com a natureza, a paisagem e com a

cultura, que favorecem o desenvolvimento do sentido estético” (Lopes da Silva, 2016, p.33).

Assim, é pertinente manter tradições culturais, cívicas e/ou religiosas, pois revelam-se fundamentais para as crianças e constam no currículo, sendo que o mais relevante é a construção do sentido (real ou imaginário) dessas práticas e não apenas a comemoração (Tomazzetti & Palauro, 2016, p. 158). Em suma, incorporar o património cultural, os registos de memória coletiva e as Efemérides na educação de infância não enriquece apenas a experiência educacional das crianças, como contribui para a construção de sociedades mais inclusivas, mais conscientes e tolerantes face à diversidade cultural. As abordagens educativas devem implicar sempre uma escuta atenta do grupo de crianças, cabendo ao educador adequar as celebrações e não apenas celebrá-las porque estão inseridas no plano anual da instituição.

1.4. O papel do educador de infância na promoção da educação cultural com as crianças

O papel de manter as tradições vivas, ajudar as crianças a descobrir o seu mundo, celebrar tradições e memórias, não compete apenas e somente à família, mas também aos educadores de infância e a todos os profissionais de educação que têm contacto com as mesmas. Compete ao educador/a de infância promover no seu grupo uma educação holística com todas as áreas de referências presentes.

O papel dos profissionais de educação, em particular dos educadores de infância, recai na participação no desenvolvimento da criança, promoção de boas vivências, aprendizagens e, além de tudo, preparar a criança para o seu futuro.

Tal como diversos profissionais, na sua prática quotidiana, se baseiam e se apoiam em documentos ou orientações para a sua organização, os educadores de infância não são exceção à regra. Também estes orientam as suas práticas de forma a torná-las mais ricas e dinâmicas a partir de normativos, como as OCEPE, o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) e a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC).

Estes documentos são transversais à educação pré-escolar, constituindo-se como alicerces. No PASEO, um documento que orienta para todos os princípios e valores, é

referido que “todas as crianças e jovens devem ser encorajados, nas atividades escolares, a desenvolver e pôr em prática o que se deve pautar a cultura de escola” (p.17). Desta forma, as crianças devem ser orientadas a ter noção e tomar consciência de si, da sua liberdade, dos seus valores e da sua cultura. Tudo isto faz de nós cidadãos do mundo e, perspetivando para a educação, julga-se que os aspetos da cultura devem ser explorados com as crianças todos os dias, promovendo-se a construção de bons cidadãos e boas práticas democráticas.

A construção da cidadania, tendo por base a ENEC “deve ser embutida na própria cultura de escola – assente numa lógica de participação e de corresponsabilização” (p.5). No âmbito da temática da Cidadania, trabalhada durante todo o ano letivo, e inserida na cultura orgânica dos jardins de infância e escolas, temos a comemoração do Dia do Pijama em que se comemora o Dia Universal dos Direitos da Criança e se apela ao respeito pelos Direitos Humanos.

Outro documento de referência, que pode ser consultado, é a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro, particularmente no artigo 2.º, onde é referido que a “Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação ao longo da vida (. . .), favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança (. . .)” (p.670). Na mesma, ainda se pode ler que um dos seus objetivos é “estimular o desenvolvimento global da criança (. . .)” (p.671). Assim, torna-se crucial olhar para a criança como um ser em desenvolvimento com características específicas que o tornam único.

Vasconcelos (2007) reforça que “o Jardim de Infância, enquanto organização social participada, pode e deve proporcionar às crianças, de modo sistemático, uma das suas primeiras experiências de vida.” (p.112). Enquanto educador/a de infância esta responsabilidade pertence-lhe, uma vez que o contacto com a criança é diário e deve promover o seu desenvolvimento e aprendizagem.

A criança é um indivíduo que, desde que nasce, pertence a um mundo social, a uma cultura e com o seu crescimento vai adquirindo novos conhecimentos, novas maneiras de lidar com as situações ou até novas palavras. Enquanto educadores, presentes no seu desenvolvimento, devemos

Assumir nas práticas educativas uma dimensão ecológica (que no seu nível mais abrangente engloba dimensões como cultura e sub-cultura de uma

comunidade ou família), o que traduz atenção, respeito e aceitação da diversidade de circunstâncias de vida, personalização do currículo, aceitação de outros pontos de referência (Portugal, 2009, pp.11).

Com esta afirmação de Portugal (2009), constata-se que o educador deve olhar para a criança como um ser integrante do seu processo educativo. Assim, a criança vê-se, progressivamente, mais como um ser autónomo, ativo, cidadão do mundo e com voz. Todavia, para que haja conformidade entre o papel do/a educador/a e o da criança, é necessário que ambos se compreendam e não “(...) entende[r] a relação pedagógica como uma relação de poder do adulto sobre a criança, mas de equilíbrio, devendo existir entre estes atores, entre as suas culturas, uma interdependência” (Costa & Caldeira, 2015, p.128).

Do mesmo modo, para Costa e Caldeira (2015), o papel do(a) educador(a) é dar voz à criança, respeitando sempre a sua origem e cultura, criando uma ligação entre o adulto e a criança que garanta que esta tenha um papel ativo nos contextos dos quais faz parte. Educando com esta intenção irá contribuir para um indivíduo integrado no seu meio, com capacidades para novas aquisições de novos saberes.

O/A educador/a de infância deve construir uma prática pedagógica com o foco nas crianças e na escuta ativa, com base na fundamentação teórica para preparação de atividades do seu interesse ou que os incentive a ser melhor. Portugal (2009) reflete sobre a prática pedagógica quando detalha que

“Uma prática pedagógica adequada inclui a provisão de um ambiente lúdico e de aprendizagens estimulantes, atividades escolhidas pelas crianças e um acompanhamento por parte do educador responsivo, que apoia, informa, modela, explica, questiona (...), mas que não domina o pensamento da criança nem interfere na sua liberdade de escolha, promovendo a autonomia, criatividade e empreendedorismo” (Portugal, 2009, pp.13 e 14).

Considerando a visão dos autores referenciados, conjectura-se que o papel do/a educador/a de infância passa por mediar e provocar aprendizagens, encarando sempre a criança como um ser individual, ouvinte e parceiro no seu desenvolvimento. Contudo, o/a educador/a não é o principal impulsionador no desenvolvimento da criança, mas sim a criança e o seu processo intrínseco na descoberta do mundo. O/A educador/a deve proporcionar, através de uma planificação cuidada, “a organização do ambiente educativo, enquanto suporte do desenvolvimento curricular” (Lopes da Silva, 2016, p.17), dando sentido ao seu papel conjuntamente com o ambiente que proporciona.

Desta forma, Ribeiro, Pinto e Lima (2019) reforçam a ideia de que “o ambiente educativo deve ser organizado para que promova e facilite a coconstrução de aprendizagens experienciais” (p.3). Para haver um ambiente cativante e proporcionador destas aprendizagens, compete ao educador criar situações e atividades nas quais o grupo se encaixe e usufrua delas. Corrobora-se Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) de que “o papel do/a educador/a é o de organizar o ambiente e o de escutar, observar e documentar a criança (...) estendendo os interesses e conhecimentos da criança e ao grupo em direção à cultura” (p.13). A partir de um bom ambiente, da escuta ativa e dos interesses, cria-se uma união em prol do grupo e para o grupo.

No plano legal, consideremos o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, que acrescenta a esta temática que o/a educador/a de infância “organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas” (p.5573). E, acrescenta-se, que deve “despertar o interesse pelas tradições da comunidade, organizando atividades adequadas para o efeito” (p. 5574).

Os/As educadores/as de infância são agentes importantes na vida das crianças, uma vez que são os primeiros indivíduos, para além da família, com quem contactam. Como tal, não devem somente ser encarados/as como agentes de aprendizagens, pois também têm o papel “como participantes, envolvendo-se no brincar, sem se sobrepor à iniciativa das crianças, como parceiro/a (...)” (Cardona et al., 2021, p.56). Pretende-se que os educadores apoiem as crianças, que interajam com as mesmas e participem nas suas brincadeiras.

Ser educador/a de infância é ser holístico/a, é estar envolvido em todas as áreas de desenvolvimento da criança, com uma prática educativa direcionada sempre para a estimulação, para a promoção de crescimento, boas memórias e afeto na criança.

Para concluir, enfatiza-se que em contexto de “educação de infância, cuidar e educar estão intimamente relacionados, pois ser responsável por um grupo de crianças exige competências profissionais que se traduzem, nomeadamente, por prestar atenção ao seu bem-estar emocional e físico e dar respostas às suas solicitações (explícitas ou implícitas)” (OCEPE, 2016, p.24).

Capítulo II - Metodologia

Neste capítulo é feita a descrição das opções metodológicas em que a dimensão investigativa se apoia. Neste ponto, procede-se à contextualização do estudo, à explicitação da metodologia, à referência aos objetivos (geral e específicos), à descrição das técnicas e instrumentos de recolha e, por fim, à análise dos dados recolhidos.

2.1 Natureza do estudo

Consoante Schuster et al. (2013), “a pesquisa é um processo sistemático que nos ajuda a resolver problemas e construir conhecimento” (p.111). O estudo realizado situa-se no âmbito da investigação qualitativa que coopera numa fusão de procedimentos de cunho racional e intuitivo, capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenómenos (Neves, 1996, p.2). Rodríguez et al. (1996) identificam a investigação qualitativa como “a utilização e recolha de uma ampla variedade de materiais de entrevistas, experiências pessoais, histórias de vida, observações, textos históricos, imagens, sons, que descrevem situações rotineiras e problemáticas e significados na vida das pessoas” (p.10). Carmo e Ferreira (2008) caracterizam a investigação qualitativa como indutiva, onde os investigadores tendem a analisar a informação de uma “forma indutiva”, desenvolvem conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados.

A investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), é determinada por cinco características, nomeadamente: i) a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o/a investigador/a é considerado como um instrumento principal, pois “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto” (p.48); ii) a investigação tem um carácter descritivo, na medida em que os dados recolhidos são palavras ou imagens. “A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio” (p,49); iii) prende-se mais ao interesse e entusiasmo do processo, do que aos resultados; iv) os dados tendem a ser analisados de forma indutiva, isto é, “o processo de análise é como um funil: as coisas estão abertas de início e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo” (p.50); e v) atribui-se maior preocupação a cada sujeito e ao sentido que dá à sua vida.

Bogdan e Biklen (1994) ainda revelam que “os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador” (p.51). Já Coutinho (2000) acrescenta que “todo o processo de pesquisa precisa de ter valor próprio (*truth value*), aplicabilidade (*applicability*), consistência (*consistnecy*) e neutralidade (*neutrality*)” (p.8).

Schuster et al. (2013) referem que “investigar fenómenos educacionais envolve trabalhar com um objetivo de estudo social que, como produto humano, não é mensurável”. (p.117). Neste sentido, tem-se um investigador presente no quotidiano, onde a recolha de dados, a validade e a fiabilidade dos dados dependem muito da sua sensibilidade, conhecimento e experiência (Carmo & Ferreira, 2008). Segundo Neves (1996), os investigadores qualitativos “buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo do objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenómeno” (p.2).

Deste ponto de vista, Carmo e Ferreira (2008) destacam que o investigador deve “entender profundamente o estilo de vida de uma população e de adquirir um conhecimento integrado da sua cultura” (p. 122). Assim, conclui-se que é preciso entrar em campo e no quotidiano para que a investigação seja mais descritiva e minuciosa, tendo em conta a população em estudo.

No âmbito da investigação qualitativa, a estratégia que se empregou foi o Estudo de Caso que, segundo Sousa e Baptista (2014), “ é um estudo intensivo e detalhado de

uma entidade bem definida, um caso, que é único, específico, diferente e complexo” (p. 64). Também segundo André (2013)

“Se o interesse é investigar fenômenos educacionais no contexto natural em que ocorrem, os estudos de caso podem ser instrumentos valioso pois o contato direto e prolongado do pesquisador com os eventos e situações investigadas possibilita descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam” (p.97).

Desta forma, o estudo de caso possibilita à investigadora estar presente no campo, observar e analisar os indivíduos envolventes. Neste gênero de estudo, o investigador deve manter o “contacto prolongado com os sujeitos participantes na realidade que pretende estudar” (Amado, 2017, p.137). Isto permite que o investigador compreenda os indivíduos e os observe no seu contexto de ação.

Na visão de Carmo e Ferreira (2008) “em estudo de caso utilizam-se diferentes técnicas de recolha de dados tais como: a observação, a análise documental e o questionamento” (p. 236). Relativamente aos instrumentos de recolha utilizados, tendo em mente que “a investigação qualitativa é descritiva e os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (Bogdan & Biklen, 1994, p.48), destacam-se o registo escrito do que foi observado durante as atividades, em notas de campo, o registo de imagem, através da fotografia, da implementação de quatro atividades e o registo do questionamento no início e fim da implementação das atividades.

2.2 Questão de investigação

Dada a relevância do que é pretendido analisar, surge a questão de investigação: Será que a Comemoração das Efemérides proporciona a construção de conhecimento nas crianças?

2.3 Objetivos gerais

Com base na questão de investigação e com o intuito de particularizar o que se visa num relatório de investigação, delinear-se os seguintes objetivos gerais:

- Averiguar se, a partir da comemoração de Efemérides no Jardim de Infância, as crianças desenvolvem o seu conhecimento;
- Definir uma forma de acordo com a qual a comemoração de Efemérides deverá ser realizada.

2.3.1 Objetivos específicos

- Reconhecer as Efemérides comemoradas com o grupo;
- Perceber o grau de importância da comemoração de Efemérides no trabalho educativo;
- Identificar as Efemérides mais abordadas na Instituição;
- Verificar se existem na Instituição comemorações inerentes a tradições de outras culturas, países ou religiões;
- Compreender as perceções das crianças perante a comemoração das Efemérides.

2.4 Participantes e contexto educativo

2.4.1 Caracterização do contexto educativo

A presente investigação foi desenvolvida no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES), numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada em Faro. A presente instituição incorpora duas valências: Creche e Jardim de Infância. Esta instituição abarca mais dois Centros Infantis.



Figura 2. 2 - Parque exterior

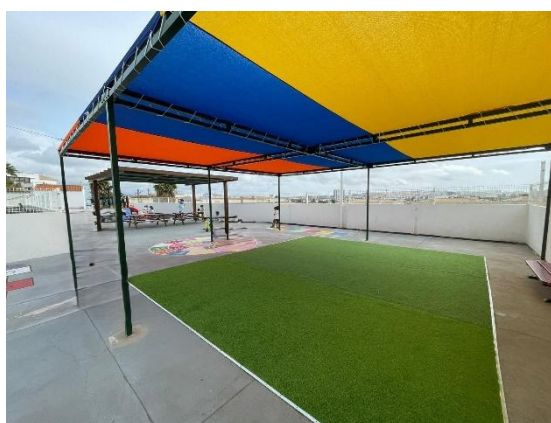


Figura 2. 1 - Exterior da instituição

O espaço educativo onde foi desenvolvida esta investigação é constituída por três salas, destinadas a crianças entre os três e seis anos que agrega, no máximo, vinte e cinco crianças, uma Educadora de Infância e duas Auxiliares de Ação Educativa. No que diz respeito ao espaço, a instituição dispõe de um espaço exterior amplo; instalações sanitárias; um refeitório; uma sala polivalente, que serve, em parte, de ginásio; uma cozinha; e uma horta pedagógica.

2.4.2 Caracterização da sala de atividades

A sala dos três anos é composta por vários espaços distintos, é bastante ampla e com uma boa iluminação e chão antiderrapante. É constituída por vários materiais estimulantes, diversificados e móveis, que se encontram nas várias prateleiras distribuídas no espaço da sala que, por sua vez, se encontra organizada por áreas, tais como: a das peças soltas, a dos jogos de construção/animais, a cozinha, a das trapalhadas, “uma pista de carros” que marca o lugar da reunião do grupo e, por fim, duas mesas de atividades, sendo uma destinada aos desenhos e marcadores e a segunda às pinturas, colagens e plasticina. Todas as áreas são acessíveis a todo o grupo, sem que a criança se considere pressionada a utilizá-las, contribuindo, assim, para a autonomia das crianças (PCG, 2023/2024).

2.4.3 Caracterização dos participantes

Nesta investigação, participaram vinte e cinco crianças e respetiva Educadora de Infância da sala. É revelante especificar que todas as crianças participaram no estudo com o consentimento dos (as) seus (suas) Encarregados de Educação (Apêndice A).

Das vinte e cinco crianças, com idades compreendidas entre os trinta e seis e os quarenta e cinco meses, catorze eram sexo masculino e onze do sexo feminino, sendo um grupo muito homogêneo a este nível. Todas as crianças já frequentavam esta instituição no ano anterior, porém, apenas 7 integravam o grupo com a atual educadora titular.

Em relação à caracterização do grupo, vinte e três crianças são portuguesas e duas crianças de nacionalidade brasileira. A maioria das crianças do grupo têm irmãos, havendo apenas nove crianças que são filhos únicos. Segundo o Projeto Curricular de Grupo 2023/2024, “o grupo demonstra-se interessado em várias áreas da sala e nas atividades pedagógicas. Demonstram um grande interesse pela leitura e conto de histórias”.

2.5 Procedimentos metodológicos, técnicas e instrumentos de recolha

Segundo Sousa e Baptista (2014), as técnicas são “o conjunto de processos operativos que nos permite recolher os dados empíricos que são uma parte fundamental do processo de investigação” (p.70).

Assim, no âmbito da investigação, recorreu-se a diversas técnicas e instrumentos de recolha de dados, nomeadamente à observação, à análise documental, às notas de campo, ao registo fotográfico, a vídeos e a um questionário e reflexões posteriores ao mesmo, instrumentos estes que estão na origem dos resultados do relatório de investigação.

2.5.1 Observação participante

Como se referiu, a observação participante é um dos instrumentos de recolha de dados deste tipo de estudo. Nesta perspetiva, para Sousa e Baptista (2014)

“a observação participante é uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que pretende compreender, num dado meio social, um fenómeno que lhe é exterior e que lhe vai permitir integra-se nas atividades/vivências das pessoas que nele vivem, realizando desta forma o trabalho de campo” (Sousa & Baptista, 2014, p. 88-89).

As observações da investigadora foram realizadas no ambiente natural da criança, onde esta vive o seu dia a dia, permitindo a compreensão e análise das partilhas das crianças e da própria em contexto formativo.

Bogdan e Taylor (1975) definiram a observação participante como uma investigação caracterizada por interações sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada (citado em Correia, 2009, p. 31). Sob esta visão, a investigadora assumiu a responsabilidade de observar e de questionar o seu objeto de estudo, de modo a construir conhecimento sobre como são trabalhadas pedagogicamente as Efemérides.

2.5.2 A pesquisa documental

A pesquisa e análise documental serviu essencialmente para complementar a informação que foi obtida a partir de outros instrumentos – como registos fotográficos, questionamento ao grupo de crianças e observação direta na realização das atividades. Assim, a pesquisa documental torna -se fundamental para “a compreensão mais profunda de eventos históricos ou quando se deseja acessar informações originais que não foram amplamente difundidas” (Pereira & Oliveira, 2024, p. 69).

Sousa e Baptista (2014) referem que “a análise documental constitui-se como uma técnica importante na investigação qualitativa – seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja através da descoberta de novos aspetos sobre um tema ou problema” (p. 89).

Segundo Tozoni-Reis (2009), “a pesquisa documental em educação é, portanto, uma análise que o pesquisador faz a documentos que tenham certo significado para a organização da educação ou ensino” (p.30). Desta forma, a pesquisa e a análise documental da investigadora incidiram sobre o Projeto Educativo da Instituição e o

Projeto Curricular de Grupo, de modo a encontrar informações sobre o seu objeto de estudo.

Em concordância, “a análise propriamente dita consiste na obtenção de informações significativas que irão possibilitar a elucidação do objeto de estudo e contribuir na solução dos problemas de estudo propostos” (Junior et al., 2021, p.45).

2.5.3 Diário e notas de Campo

No decorrer da investigação, a investigadora construiu um diário com notas de campo, uma vez que “o diário de campo facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos do dia de trabalho” (Campos, Silva & Albuquerque, 2021, p. 109

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), “os investigadores qualitativos protegem-se dos seus enviesamentos registando notas de campo detalhadas que incluem reflexões sobre a sua própria subjetividade” (p.68). Assim, acrescentam que o resultado bem-sucedido de um estudo de observação participante em particular, mas também de outras formas de investigação qualitativa, se baseia em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas.

Desta forma, as notas de campo servem para registar particularidades observadas de uma forma detalhada e descritiva, são realizadas ao longo do tempo e organizadas por datas e temas abordados.

De acordo com Campos, Silva e Albuquerque (2021) “as notas de campo envolvem frases pequenas e palavras, se tornando uma maneira prática e rápida de registo de dados” (p.102). Na mesma ótica, os autores acrescentam que o uso do diário e notas de campo permitem que o pesquisador observe e registre, com profundidade, informações úteis para a pesquisa (p.109).

2.5.4 Registo Fotográfico e Vídeos

O registo fotográfico e a captura de vídeos são ferramentas utilizadas na investigação qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994) “as fotografias dão-nos dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjetivo e frequentemente analisadas indutivamente” (p. 183).

Os registos fotográficos foram organizados e datados pela investigadora, uma vez que possibilitam uma observação intensa posterior que procura pistas sobre relações e atividades (Bogdan & Biklen, 1994, p. 189). Assim, os registos também possibilitam refletir sobre os interesses das crianças e auxiliam no relato, de forma a perceber se houve ou não aprendizagens significativas desenvolvidas.

2.6. Planificação das atividades

As atividades foram planificadas em torno de três Efemérides – o Dia Internacional do Obrigado, o Dia Mundial do Riso e o Dia Mundial do Compositor. Estas foram as Efemérides escolhidas, uma vez que são pouco comemoradas e abordadas na instituição.

A primeira Efeméride selecionada explora o Dia Internacional do Obrigado que se comemora a 11 de janeiro. Devido ao projeto implementado em sala, foi celebrado a 12 de janeiro. A atividade escolhida, centrada no conhecimento da palavra Obrigado, procurou que as crianças fossem sensibilizadas para a importância do agradecimento, de proferir “obrigado” nos momentos conversacionais, enquanto foi desenvolvida a área da educação artística e a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, uma vez que, segundo Oliveira (2017), “as crianças precisam de contacto com as mais variadas formas de manifestações artísticas para que possam experimentar e serem estimuladas para uma reflexão sobre a própria vida” (p. 265-266).

A segunda Efeméride – o Dia Mundial do Compositor – constitui-se na criação de uma atividade de exploração autónoma e musical. A criação da mesma foi centrada no conhecimento de – Quem é um compositor; O que é a música e como podemos fazer música; ao mesmo tempo que se desenvolveu o conceito de som (graves e agudos), inserido na área da educação musical, da matemática e na construção do conhecimento. Na perspetiva de Marques (2013)

Com o desenvolvimento do sentido estético e artístico, através da educação musical, a criança começa a desenvolver o seu pensamento musical: ouvir (discriminando as estruturas sonoras, conhecendo a literatura musical), interpretar (cantando, tocando e dançando em conjunto), compor (criando, improvisando, elaborando estruturas musicais) (Marques, 2013, p. 37).

Por fim, na última Efeméride – o Dia Mundial do Riso, a atividade “Espelhando o meu sorriso” centra-se no reconhecimento das crianças, do seu sorriso e de se reconhecer enquanto indivíduo. Assim, assiste-se ao processo de construção de identidade e da autoestima da criança, o reconhecimento das suas características singulares e desenvolve-se, simultaneamente, a perceção do que têm em comum e do que as distingue de outros. Desta forma, o conhecimento é desenvolvido no âmbito da educação artística e na formação pessoal e social (Lopes da Silva, 2016, p. 34).

Para cada uma das atividades foram realizadas as respetivas planificações. O espaço onde decorreram as atividades foi sempre pensado para que as crianças tivessem oportunidades de aprendizagem, permitindo a exploração autónoma, o brincar e a construção de conhecimento ao longo de todo o processo. As intenções pedagógicas de cada planificação foram planificadas de acordo com as áreas de conteúdo, presentes nas OCEPE (2016).

No apêndice B, apresentam-se as planificações realizadas, integrando-se todas as Áreas de Conteúdo trabalhadas e as aprendizagens a promover, a descrição das atividades, os recursos necessários para a sua realização, bem como a indicação dos dias da sua implementação.

Para além da dimensão de investigadora, exercida aquando das atividades planificadas, assumiu-se a dimensão de observadora durante a comemoração de mais duas Efemérides, em particular o Dia Mundial do Pijama e o Natal.

2.6.1 Desenvolvimento das atividades

A Flor do Gastão

A atividade foi realizada a propósito da comemoração de uma Efeméride. Esta atividade não foi realizada a 11 de janeiro, no dia em que se comemora o Dia Internacional do Obrigado, uma vez que estava a decorrer um projeto em sala sobre a germinação de plantas. Foi implementada a dia 12 de janeiro, um dia após a previsão.

Para enquadrar a comemoração, a investigadora leu uma história “Eu digo Obrigada”, de Aurélie Chine (ver figura 2.3.).

A história retrata a importância de o Gastão agradecer aos familiares, quando lhe é oferecido um presente e, no fim, o Gastão percebe a importância de agradecer e oferece um ramo de flores a cada personagem da história. De acordo com



Figura 2. 3 - Conto da história.



Figura 2. 4 - Pintura das flores.

Souza e Bernardino (2011) “a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita e é uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil” (p. 237).

Iniciou-se uma conversa em grande grupo sobre o que eles pensavam da história, a partir de questões como: O que é o obrigado(a)? Vocês dizem obrigado(a)? Achar importante agradecer?, obtendo-se as seguintes respostas como (Cf. Quadro 2.1):

O que é o obrigado(a)?
M: “Não sei!”
S.S: “Eu digo obrigada!”
S: “É um boneco”

Quadro 2.1 - Resposta das crianças a pergunta: O que é o obrigado(a)?

Vocês dizem obrigado(a)?
F: “Eu digo obrigado!”
S.S: “Quando a mãe dá panquecas!”
G: “Digo à mamã!”
B: “Quando eu vou ao <i>shopping</i> com a mamã e ela me compra um dinossauro.”
D: “Quando vou à casa de banho”.

Quadro 2.2 - Respostas relacionadas com a pergunta: Vocês dizem obrigado(a)?



Figura 2. 5 - O decorrer das duas atividades.

Com a hora da leitura da história, o grupo conseguiu perceber a importância de agradecer e de dizer obrigada, tendo em conta as suas respostas. Em seguida, cada criança tinha uma flor na mão (oferecida pelo Gastão), com o objetivo de a pintar livremente e, no fim, de referir a quem gostariam de a oferecer como forma de agradecimento. No entanto, nesta parte da atividade, houve algumas crianças que não referiram a quem queriam agradecer e não demonstraram interesse pela pintura.

A partir da observação, a investigadora analisou que as crianças rapidamente pintaram a flor para continuarem o projeto com a educadora de sala, uma vez que a investigadora se encontrava numa mesa com um pequeno grupo, enquanto noutra mesa estava a educadora com o projeto a decorrer.

Em suma, a atividade planificada tinha por objetivo promover a tomada de consciência da importância do agradecimento e do termo obrigado(a). Foi bastante visível o maior interesse do grupo pelo outro projeto a decorrer em simultâneo na sala, pelo que a atividade da investigadora não foi concretizada como planeado. Avalia-se que esta seria uma atividade que acrescentaria conhecimento à criança, mas não naquele momento, pois a atenção estava com foco no projeto que já decorria na sala.



Figura 2 .6 - L. a pintar a sua flor.

Dia Mundial do Compositor

Esta atividade foi realizada no dia 15 de janeiro. Com esta, pretendia-se potenciar inúmeras descobertas e conhecimentos para o grupo, nomeadamente na área musical.

Numa primeira instância, foi preparada uma sala mais escura, iluminada por uma luz LED que irradiava várias cores, música e diversos estilos musicais e compositores diferentes. Na sala encontravam-se elementos relacionados com a música, como notas musicais com texturas, pautas de composição e dois géneros de instrumentos musicais – maracas, violas, triângulos e reco-reco e no chão da sala – panelas, *tupperwares* de diferentes formas, colheres de madeira e de metal e garrafas de plástico com missangas no interior.



Figura 2. 7 - Elementos da exploração musical.

O grupo foi reunido na sala polivalente para que a preparação da sala fosse uma surpresa, em seguida, foi questionado e explicado ao grupo no que consistia no Dia Mundial do Compositor e o que era a música, uma vez que o grupo afirmou não saber. De seguida, o grupo foi conduzido para a sala e houve uma exploração autónoma das crianças pelo espaço e materiais da sala. No seguimento, a M referiu que a garrafa fazia som e o G pegou na guitarra e cantou. Então, o grupo foi reunido e descobriu-se que havia som na sala e vários instrumentos musicais.

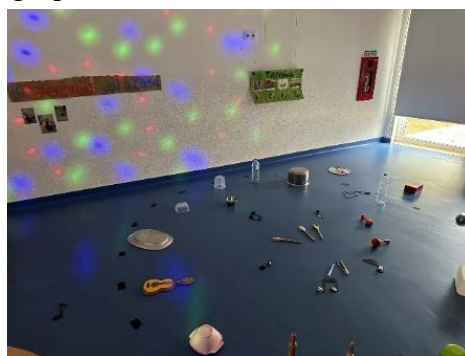


Figura 2. 8 - Preparação da sala para a atividade de exploração musical.

SS : “As maracas fazem som!”
D : “Está ali um triângulo!”
G : “O triângulo faz som baixinho”

Quadro 2. 3 - Comentários que o grupo fez durante a exploração autónoma

Quando o G afirmou que o triângulo soava baixinho, e com o grupo ainda reunido, falou-se sobre os sons “baixos” – agudos e os sons “altos” - graves e assim foram surgindo

ideias das crianças para a exploração dos materiais que produziam sons graves e sons agudos. Cada criança, com um material à sua escolha produziu um som grave e um som agudo. Para terminar a atividade, a investigadora questionou as crianças sobre a atividade, de forma a perceber se tinham aprofundado algum conhecimento, assim às questões – O que é um compositor? Como podemos fazer música?, surgiram respostas como:

E: “Fazer as músicas que gosta!”
T: “Ser compositor é música!”
S.S: “Senhor que faz som!”

Quadro 2. 4 - Resposta das crianças à pergunta: O que é um compositor?

B: “Tocar e cantar!”
F: “Os sons agudos e graves.”
G: “Com som!”

Quadro 2.5 - Respostas relacionadas com a pergunta: Como podemos fazer música?

No início da atividade, as crianças revelaram pouco conhecimento sobre o dia que se comemorava, no entanto, após a conclusão da atividade e a partir das respostas anotadas pela investigadora, observou que o grupo, em geral, conseguiu compreender como se pode fazer música, os materiais de que se precisa e, ainda, noções básicas das tonalidades dos sons, como grave e agudo. Assim, de uma forma exploratória e divertida, foram abordados os conceitos de grave e agudo, bem como os instrumentos musicais e as crianças brincaram, construindo ao mesmo tempo conhecimento.



Figura 2. 9 - E. a explorar o triângulo.



Figura 2. 10 - Exploração em grande grupo dos sons agudos e graves.

Dia Mundial do Riso

A atividade planificada com o objetivo da comemoração da Efeméride foi realizada em dois dias distintos - no dia 18 de janeiro e no dia 25 de janeiro.

Realizou-se a atividade em consonância com o PCG onde estava previsto, na área das artes e elementos artísticos, a articulação entre as duas temáticas – as artes



Figura 2. 11 - Material utilizada para a atividade do Dia Mundial do Riso.



Figura 2. 12 - O riso.

e a Efeméride. Desta forma, foram apresentadas ao grupo duas obras de arte, tendo em comum o Riso. Em conversa com o grupo, questionou-se acerca dos objetivos artísticos selecionados para a atividade – Duas meninas! Um desenho! Duas pinturas!

Na continuação da conversa, abordou-se os quadros que estavam perante o grupo e a investigadora questionou o grupo acerca das pessoas presentes nas obras de arte:

As senhoras do quadro estão felizes ou tristes?
F. : “Estão felizes!”
T. : “Não sei!”
E. : “ Estão a sorrir!”

Quadro 2. 6 - Respostas a pergunta colocada pela investigadora

Ainda na conversa em grande grupo, as crianças começaram a relatar quando sorriam e surgiram contestações como: “Nas fotografias”, “Quando tiro fotos com a

mamã”, “Quando estamos contentes” ou “No espelho”. Quando foi referido o espelho, colocou-se um espelho em frente ao grupo para que conseguissem ver o seu sorriso e observar o riso de cada um, mas a partir do reflexo. Dispostos em roda e com muito entusiasmo, todo o grupo se viu ao espelho e apreciou o seu riso.

Posteriormente, a investigadora, com grupos pequenos, direcionou as crianças para uma mesa onde estavam as obras de artes observadas anteriormente e canetas de feltro. A atividade consistia na escolha, pessoal e autónoma, do seu quadro preferido. Em seguida identificavam as cores presentes no quadro escolhido e, com o espelho à sua frente, desenhavam-se a si e ao seu sorriso.



Figura 2.13 - O sorriso do G.

Durante este processo, as crianças desenharam o seu sorriso, identificavam o seu cabelo e os seus membros, à exceção de duas crianças: uma desenhou a mãe porque uma das obras de arte fazia-lhe lembrar a sua mãe e outra criança desenhou o pai porque simplesmente assim o preferiu. No entanto, ambas conseguiram identificar o riso no seu desenho.

Para o término da atividade, com o intervalo de uma semana relativamente à comemoração da Efeméride e devido à falta de tempo, houve crianças com as quais a investigadora não realizou a atividade. De forma a introduzir novamente a temática, a investigadora questionou o grupo, com o objetivo de compreender se se recordavam da atividade realizada na semana anterior e qual tinha sido o seu objetivo. A partir das respostas, foi possível perceber que a maioria das crianças se lembravam, tendo associado a atividade com a efeméride – “Porque era o dia do riso”. As respostas e reações demonstram que as crianças se mantiveram motivadas e interessadas nas atividades, mesmo com um intervalo temporal, as mesmas tinham presente a importância da comemoração e o seu objetivo.



Figura 2.14 - S a terminar o seu desenho enquanto se olhava ao espelho.

Capítulo III – Resultados

3.1 Apresentação e interpretação dos resultados

Após a recolha de dados e de forma a responder à questão de investigação - Será que a Comemoração das Efemérides proporciona a construção de conhecimento nas crianças? - realizou-se a análise e interpretação dos resultados. De acordo com a observação da investigadora, com a escuta da voz das crianças e a análise documental procurou-se perceber, mediante os dados recolhidos e os objetivos delineados, se as atividades implementadas contribuiriam para a construção do conhecimento.

As atividades implementadas durante a investigação – o Dia Internacional do Obrigado, o Dia Mundial do Compositor e o Dia Internacional do Riso – foram planeadas de forma a atingir os objetivos, envolvendo as áreas de conteúdo das OCEPE e tendo por base o desenvolvimento do grupo.

No âmbito da atividade da comemoração do Dia Internacional do Obrigado – A flor do Gastão - no diálogo, após a narração da história, as crianças tiveram oportunidade de aprender o significado da palavra ‘Obrigado(a)’, de aprender quando se deve utilizar a palavra e a sua importância. Na segunda parte da atividade, as crianças foram convidadas a pintar livremente com recurso a vários materiais, como esponjas e pincéis de diversos tamanhos, com o objetivo de utilizar diversas técnicas de pintura.

Na primeira fase da atividade foi evidente que as crianças perceberam o significado e importância do “Obrigado(a)”, a partir do diálogo e da troca de ideias, enunciando quando diziam a palavra, quando referiam que era importante dizer obrigado(a) e agradecer, evidenciando, assim, as suas aprendizagens a partir da hora do conto e do diálogo em grupo. Na etapa seguinte, ao trazer as flores para a sala, o interesse imediato do grupo foi notório quando as visualizaram, no entanto, quando se passou para momento das artes plásticas e a pintura autónoma das mesmas, a rapidez com que as crianças terminavam a atividade para passarem à atividade implementada pela educadora da sala percebeu-se que o seu interesse teria mudado, acabando por não prestarem a atenção, que se pretendia, ao significado da flor.

Entre os resultados obtidos com a implementação desta atividade, há a registar a imaginação das crianças e a sua criatividade, demonstradas através da pintura. No

decorrer da mesma, as crianças, em parte, optaram por usar apenas uma cor, sendo rápidos na finalização da atividade.

Posteriormente, apenas duas crianças do grupo levaram o tema abordado para casa, pois os Encarregados de Educação, na seguinte semana, referiram que teriam falado sobre a importância de agradecer e dizer obrigado(a). Desta forma, com a realização desta atividade, na primeira parte, as crianças conseguiram adquirir conhecimento sobre a Efeméride, mas, na segunda parte, os objetivos a promover não foram concluídos e atingidos de igual forma com todas as crianças.

Na atividade – Exploração autónoma e musical – com o objetivo para comemorar o Dia Mundial do Compositor, no início da atividade, a partir do diálogo com a investigadora, percebeu-se que ainda não haviam adquirido conhecimento sobre a temática, em particular, não tinham conhecimento do que era um compositor e de como se poderia fazer música. No decorrer da atividade, o grupo esteve concentrado e mostrou muita curiosidade na exploração dos materiais presentes na sala. Prestaram atenção a todos os materiais e iam observando com muita atenção. Ao longo da exploração, começaram a manusear os materiais, tocando com vários, produzindo sons, olhando atentamente para as notas musicais e pautas de música e fizeram muitas perguntas para entenderem o porquê das coisas. Esta atividade suscitou o interesse das crianças, principalmente por perceberem que os materiais expostos na sala, como as garrafas de água, correspondiam a um som igual ao do instrumento musical, a várias tonalidades e intensidades diferentes. No final da exploração autónoma, a aquisição do conhecimento foi notória quando as crianças perceberam os sons diferentes que soavam quando tocavam nos materiais e compreenderam que se podia fazer música.

Na conversa final, em grande grupo, individualmente, todas as crianças experimentaram produzir um som agudo e um som grave, com os materiais disponíveis, querendo todos fazer a repetição do som várias vezes, mostrando assim o seu interesse e entusiasmo. Já no fim da atividade, quando o grupo foi questionado se tinha percebido o que era a música e um compositor, surgiram várias afirmações (Cf. quadros 2.4. e 2.5.), entendendo-se que tinham aprofundando o seu saber. Assim, constata-se que a realização desta atividade proporcionou ao grupo a construção do seu conhecimento. Na planificação inicial da atividade não estava estipulado observar sons graves e agudos, porém, a curiosidade e interesse conduziram-nos para esse rumo e a um conhecimento

alargado da música e da função do compositor. Desta forma, comparativamente à atividade anterior, as crianças mostraram-se mais interessadas e aprenderam novos conceitos relacionados com a música, o papel do compositor e os sons musicais, o que tornou a experiência mais estimulante e criativa.

Na terceira e última atividade – Espelho do meu Sorriso - com o objetivo da comemoração do Dia Internacional do Riso, o interesse das crianças foi logo evidente quando visualizaram as obras de arte exibidas pela investigadora, suscitando imediatamente questões acerca das mesmas. Ao serem questionados sobre quando é que riam ou se podia ver o seu sorriso, tornou-se evidente a sua curiosidade, quando começaram a fluir imensas respostas.

A presença de um novo objeto na sala – o espelho - permitiu às crianças observarem-se através do mesmo, o que potenciou o entusiasmo do grupo e o conhecimento sobre si mesmos e sobre os elementos do seu corpo, mais especificamente, do sorriso. Ainda, em grande grupo, abordando as obras de arte, distinguiram-se as diferenças das duas obras, como as diversas cores, que foram identificadas, as diferentes pessoas apresentadas e a sua preferência.

Na segunda parte da atividade, o objetivo era que a criança olhasse para o espelho, conseguisse representar-se e ilustrar o seu sorriso na folha com as cores da obra de arte escolhida. A partir da observação dos desenhos, foi notório que conseguiram autorretratar o seu sorriso, desenhando-o na sua perspetiva e acrescentando alguns elementos do seu corpo, como a cara e o cabelo. Excepcionalmente, quatro crianças não conseguiram espelhar o seu sorriso, sendo que duas desenharam o pai e a mãe e outras duas, com Necessidades Educativas Específicas que ainda não desenvolveram essa consciência, acabaram apenas por rabiscar o papel.

Uma vez que a atividade foi repartida em dias distintos e em semanas diferentes, quando o grupo foi questionado, uma semana depois, acerca do motivo da realização da atividade, a maioria respondeu que era porque tinha sido o Dia do Riso. Ou seja, a partir deste questionamento, tornou-se evidente que o grupo adquiriu conhecimento de que havia um dia específico do riso, que era quando sorriamos, e sobre si próprio, o seu corpo e as artes.

A realização das atividades possibilitou perceber se era importante comemorar-se todas as Efemérides presentes no plano anual de atividades e o conhecimento que se constrói com as crianças.

A partir da observação do Projeto Curricular de Grupo identificaram-se as Efemérides que o grupo e a instituição comemora de acordo com o seu Plano Anual de Atividades, nomeadamente o Halloween, o São Martinho com a degustação de castanhas, o Dia Nacional do Pijama, o Natal, o Carnaval, o Dia do Pai, a Páscoa, o Dia da Mãe e o Dia da Criança. Estas datas são comemoradas ciclicamente todos os anos pela instituição, independentemente das características do grupo de crianças. Desta forma, verificou-se, a partir da observação e consulta do PAA, que a única festividade inerente a outras culturas, países ou religiões, comemorada nesta instituição, é o Halloween.

Para além da implementação das Efemérides descritivas, houve a possibilidade de atentar, enquanto observadora participante, na celebração do Natal e do Dia Nacional do Pijama. De facto, foi sempre visível o entusiasmo do grupo e a excitação perante estas datas, uma vez que ambas são celebradas com semanas de antecedência. Para a comemoração do Dia Nacional do Pijama, o grupo recriou, com a ajuda da estagiária e da educadora da sala, um mural da oficina dos robôs inspirado na história do Dia do Pijama – O robô voador ¹- para colocar na porta da instituição (Cf. Figura 3.2.). Uma vez que o tema estava muito presente na sala e era um interesse comum às crianças do grupo, criou-se um projeto que teve como propósito cada criança realizar a sua própria oficina da forma que mais gostasse. Por fim, e ainda a par deste tema, a estagiária elaborou um robô em casa com o objetivo de ser levado para a casa de cada criança para que em família recriassem bons momentos (este projeto ficou a ser concluído com a educadora de sala). No dia Nacional do Pijama foi abordado o carinho e a compaixão pelas crianças que não têm casa, a partilha de valores e a demonstração dos direitos para as crianças.

¹ A história retrata uma pequena vila onde vivem a Maria, a Milu e o papagaio Quincas: um lugar tranquilo, mas palco das coisas mais misteriosas. Se alguém espreitasse pela janela da escola no dia em que esta história começa, veria um rapaz de caracóis a construir um robô feito de papelão. A ideia do projeto teria sido lançada pela professora de artes, preocupada com um problema que afeta muitas crianças, fazendo-as ter comportamentos semelhantes aos de um robô. A aventura principia quando o rapaz dos caracóis, que levava o projeto da construção do robô muito a sério, tem uma surpresa: uma forte ventania levanta o robô do chão e fá-lo sair a voar pela janela.



Figura 3. 2 - Construção das oficinas de robôs pelas crianças



Figura 3. 1 - Mural do Dia do Pijama.

O Natal foi direcionado para o conhecimento dos valores, como a partilha, a união, o amor e a saúde, colocando de parte o materialismo e consumismo, muitas vezes observado. No início dos festejos natalícios, dirigimo-nos com o grupo aos correios para o grupo entregar a carta ao Pai Natal, onde não pediam brinquedos, pediam ter saúde, abraços, beijinhos, ter comida e entre outros. O postal de Natal foi construído a partir de elementos reciclados pelos adultos ou que estavam em sala, como tinta, botões ou pompons. Por fim, as educadoras e estagiárias da instituição realizaram um teatro para apresentar às crianças com o objetivo de promover valores como a partilha e saber valorizar pequenos gestos solidários.



Figura 3. 3 - Construção do postal pelas crianças.



Figura 3. 4 - Construção de elementos natalícios.

Capítulo IV – Considerações Finais

Ao chegar ao momento final desta investigação, importa referir todo o percurso efetuado. Esta temática foi interessante desde a primeira experiência em contexto pedagógico. Ao início, o processo investigativo pareceu-nos complexo, porém, o rumo foi-se construindo. Os documentos de referência permitiram estabelecer objetivos e a definição de conceitos permitiu que o trabalho fluísse de acordo com uma planificação estabelecida.

Emergiu a necessidade de saber se a comemoração das Efemérides era realmente importante para as crianças e se as mesmas conseguiam construir conhecimento a partir destas. Desta necessidade e curiosidade surgiu a questão de investigação: Será que a Comemoração das Efemérides proporciona a construção de conhecimento nas crianças? Definiram-se os objetivos, em particular, averiguar se a partir da comemoração de Efemérides no Jardim de Infância as crianças desenvolvem o conhecimento; estabelecer-se uma forma de acordo com a qual a comemoração de Efemérides poderá ser realizada. Julga-se que ambos os objetivos foram atingidos, no sentido em que com a realização de atividades planificadas para a celebração e exploração das Efemérides foi possível constatar que são suscetíveis de ampliar conhecimento. Também foi notório que as atividades têm que partir do entusiasmo da criança e serem desenvolvidas no seu próprio interesse.

A atividade do Dia Internacional do Obrigado foi implementada ao mesmo tempo que decorria outro projeto em sala. A reflexão realizada após a implementação desta atividade é a de que se já estiver a decorrer um projeto em sala, não faz sentido celebrar uma efeméride só porque figura no plano de atividades da instituição. Verificou-se não ser benéfico parar o projeto de sala para comemorar-se uma Efeméride agendada, pois as crianças demonstraram não estar interessadas e envolvidas nas atividades. Reconhece-se que os objetivos desta atividade não foram alcançados na íntegra, contudo, o estudo permitiu compreender que é extremamente importante ouvir as crianças e não comemorar um evento porque está no calendário civil ou porque “tem de ser”, já que o grupo poderá não estar emocionalmente disponível.

Por sua vez, as atividades relacionadas com as Efemérides do Dia Internacional do Obrigado e Dia Internacional do Riso pareceram desenvolver a construção de conhecimento sobre várias áreas de conteúdo, nomeadamente, a música, educação

artística e a ligação à sociedade. A exploração autónoma e a pintura figuraram como dois grandes alicerces na construção do conhecimento, entusiasmando as crianças e, assim, dando-lhes oportunidade de desenvolver mais conhecimento, apelando sempre à sua criatividade e autonomia. Assim sendo, esta atividade não só retratou uma Efeméride, como desenvolveu a construção de conhecimento pessoal e ampliou a perceção das crianças acerca de si próprias, aliando a educação artística e as cores ao conhecimento e identificação de elementos corporais – o sorriso.

No seguimento do exposto, importa recordar os objetivos que a investigação conseguiu alcançar, nomeadamente: averiguar se a partir da comemoração de Efemérides no Jardim de Infância as crianças desenvolvem o conhecimento e definir uma forma como a comemoração de Efemérides deverá ser realizada com base nos documentos orientadores.

Conforme a análise efetuada, a comemoração das Efemérides traz conhecimento para as crianças, no entanto, é sempre necessário analisar o grupo e os seus interesses.

É na infância que as crianças começam a compreender melhor o mundo e têm “oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, bem como pelo contacto com novas situações que suscitam a sua curiosidade e o interesse por explorar, questionar descobrir e compreender. A criança deve ser encorajada a construir as suas teorias e conhecimento acerca do mundo que a rodeia” (Lopes da Silva, 2016, p.85).

Em jeito de conclusão, consideramos que pelo facto de as Efemérides serem mencionadas pelos Encarregados de Educação e pelas crianças, são datas e acontecimentos às quais devemos dar importância. Assim, corrobora-se com Ostetto (2000) quando refere que “trabalhar aspetos que façam parte da realidade da criança, delimita conteúdos considerados significativos para a aprendizagem” (p.4). Tal como os acontecimentos do mundo podem revelar-se temas geradores de conhecimento, os aspetos sociais e culturais que dizem respeito à vida em sociedade são particularmente importantes e deveriam ser contemplados desde cedo, já em contexto de educação pré-escolar (Ostetto, 2000, p.5).

Por fim, após a realização da atividade do Dia Internacional do Obrigado, observa-se que não é necessário comemorar todas as datas presentes no calendário civil. Assim, devemos ouvir o grupo e identificar que Efemérides transmitem mais conhecimento às

crianças e são mais adequadas, pois se as mesmas não estiverem interessadas e motivadas, a atividade não permitirá o aprofundamento de conhecimento.

4.1. Limitações do estudo

Como limitações do nosso estudo, deparámo-nos com o facto de não ser regular serem trabalhadas, na instituição, Efemérides que consideramos ser importantes como, por exemplo, o Dia Mundial da Alimentação, trabalhando-se com as crianças a importância de alimentação saudável, da inclusão da sopa e dos bons alimentos.

Outra dificuldade encontrada reside no facto de não ser habitual celebrar, nesta instituição, Efemérides inerentes a tradições culturais, no entanto, são trabalhadas outras também de extrema importância como: o Natal e o Carnaval.

De igual modo, ainda que sem dia específico associado, julga-se que abordar temas que fazem parte do nosso património, como o rancho folclórico ou o cante alentejano, torna a criança mais rica culturalmente e quanto mais cedo tiverem esta ligação com o que é património da sua cultura melhor.

No entanto, compreendemos que o plano de atividades é realizado entre as Educadoras, logo, esta opção poderá não corresponder inteiramente à posição de todas as intervenientes. Ainda assim, dever-se-á procurar consensos que revertam em benefício do desenvolvimento e conhecimento das crianças.

Outra dificuldade encontrada teve origem na organização do Plano Anual de Atividades, visto que as atividades aí integradas tinham de ser concretizadas em diversos dias, não tendo, por vezes, uma sequência lógica, para as crianças. É algo incontornável e (diga-se) inalterável, pois quando as estagiárias são acolhidas na sala, as atividades e estratégias foram há muito definidas na instituição.

Por fim, a duração do período de estágio limita grandemente o tempo de investigação, sendo que se poderia ter ido mais além com este tema e com este trabalho.

4.2. Sugestões para estudos futuros

Julgamos que o trabalho poderia melhorar através de uma pesquisa prévia acerca das Efemérides que costumam ser trabalhadas na instituição. Deste modo, poderíamos ir ao encontro das crenças/culturas da instituição, assim como das do grupo com que se está a trabalhar. Acrescentar ou modificar o calendário com outras datas que façam sentido para o grupo poderia ser, igualmente, uma possibilidade de investigação. Também seria aliciante fazer-se o questionamento às crianças sobre as Efemérides que preferiam trabalhar. Visto que se defende a importância da opinião e interesse das mesmas, poderia ser estimulante dar-lhes a escolher de entre algumas, quais as que achavam que mais gostariam ou seleccionar eventos para uma votação. Assim, dando-lhes voz e ao serem ouvidas, teríamos um grupo envolvido na temática, com interesse e motivação para aquisição de conhecimento sobre a cultura que as rodeia.

Referências Bibliográficas

- Almeida, T. (2019, dezembro 18). E se não celebrássemos apenas o Natal na creche e no jardim-de-infância: Por uma escola mais inclusiva, de todos/as e para todos/as. *Primeiros Anos.pt*. <https://primeirosanos.iscte-iul.pt/2019/12/18/e-se-nao-celebrassemos-apenas-o-natal-na-creche-e-no-jardim-de-infancia-por-uma-escola-mais-inclusiva-de-todos-as-e-para-todos-as/>
- Amado, J. (2017). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- André, M. (2013). O que é um estudo de caso qualitativo em educação?. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22 (40), pp.95-103. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-70432013000200009&lng=pt&nrm=iso
- Barfield, T. (1997). Culture. *The Dictionary of Anthropology*. Blackwell, pp. 98-105.
- Bettelheim, B. (2003). *Bons Pais: O Sucesso na Educação dos Filhos*. Bertrand Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora.
- Campos, J., Silva, T., & Albuquerque, U. (2021). *Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar?* Métodos de Pesquisa Qualitativa para Etnobiologia. PE: Nupeea
- Cardona, M., Silva, I., Marques, L., & Rodrigues, P. (2021). *Planear e avaliar na educação pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Chine, A. (2023). *Crescer com o Gatão: Eu digo obrigado*. (1ª ed.). Nuvem de Letras.
- Correia, M. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar em Enfermagem*, 13 (2), pp. 30 – 36. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23968/1/2009_13_2_30-36.pdf
- Costa, E. (2022). *O entrudo: Ensaio sobre as raízes clássicas do carnaval*. [Tese de Mestrado, Faculdade de Letras]. Repositório da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/56361/1/ulflercosta_tm.pdf
- Costa, M., & Caldeira, A. (2015). Se isto é uma educadora de infância: Reflexão em torno da construção de uma identidade profissional. *CIED - Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa*. <https://repositorio.ipl.pt/entities/publication/8567eaf1-1a15-4ddf-b95e-ff563bbf98f8>

- Costa, S. (2017). O que é o património cultural - O Património perto de si: Entre o passado e o presente. *Cresaçor*, pp. 14-15. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/pca/2012525122146.pdf>
- Coutinho, C. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: Questões relativas à fidelidade e validade. *Educação Unisinos*, 12 (1), pp. 5 – 15. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7884>
- Cuche, D. (2006). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Fim de Século.
- Decreto-Lei nº 36/2021, de 14 de junho, Lei de Bases do Património Cultural. Diário da República, série I, p. 3- 25. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/36-2021-165036155>
- Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de agosto, Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e do professor dos ensinos básico e secundário (2001). Diário da República: I série- A, p. 5572 – 5575. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/241-2001-631843>
- Houaiss, A., & Villar, M. (2005). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Vol. 5, 14-18.
- Junior, E., Oliveira, G., Santos, A., & Schnekenberg, G. (2021). Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Caderno da Fucamp*, v.20 (44), pp.36-51. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>
- Lima, A. (2019). A documentação pedagógica como alicerce da planificação solidária e da avaliação das aprendizagens. *Caderno APEI – CEI*, nº 116. <https://apei.pt/produto/linha-editorial/cadernos-de-educacao-de-infancia/caderno-de-educacao-de-infancia-116>
- Lei-Quadro da Educação Pré-escolar nº 5/97, de 10 de fevereiro (1997). Diário da República: I série, pp.. 670 – 673. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/5-1997-561219>
- Oliveira, E. (1995). *Festividades Cíclicas em Portugal*. Etnográfica Press. https://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=lang_es%7Clang_pt&id=b57yDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&ots=4XSbHwfUsU&sig=I2y9e09rz72N8z0fixh5JuAHXYY&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2013). *Pedagogia-em-participação: A perspetiva educativa da associação criança*. Porto Editora
- Oliveira, M. (2017). Um novo olhar sobre as artes visuais na educação pré-escolar: Um desafio de contemporaneidade. *CIEA*, 20 (2), pp. 262 – 272. <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/2744>
- Ostetto, L. (2000). Planejamento na educação infantil...mais que a atividade, a criança em foco. *Encontros e Encantos na educação infantil*. <https://www.dr-bm.org/av1/29PLANEJAMENTONAEDUCACAOINFANTIL.pdf>

- Magalhães, C., Silva, G., & Mello, S. (2016). *Atas do II Seminário Luso-Brasileiro de Educação de Infância: Investigação, formação docente e culturas de infância*. Universidade do Minho.
- Marques, J. (2013). *O contributo da expressão musical nos primeiros anos de educação básica*. [Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores]. Repositório da Universidade dos Açores. <https://repositorio.uac.pt/entities/publication/7e43d5da-b80e-4873-b516-50a7fbf5c94f>
- Martins, G. (2020). *Património cultural - Realidade viva*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Martins, G. et al. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Mendes, A. (2012). *O que é o Património Cultural*. Gente singular.
- Monteiro, F. (2017). *Tempo cíclico, calendário festivo, património e identidade cultural no concelho da povoação*. (Dissertação de mestrado, Universidade dos Açores). <https://repositorio.uac.pt/entities/publication/f4799571-8fa0-4b60-beab-2ed67a336ba4>
- Monteiro, R., Ucha, L., Alvarez, T., Milagre, C., Neves, M., Silva, M., Prazeres, V., Diniz, F., Vieira, C., Gonçalves, L., Araújo, H., Santos, S., & Macedo, E. (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. República Portuguesa. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Instituto Piaget.
- Neves, J. (1996). Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em administração*, 1 (3), pp. 1–5. https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf
- Pereira, N., & Oliveira, G. (2024). Observação e análise documental as suas contribuições na pesquisa científica. *Revista Multidisciplinar Humanidades & Tecnologia*, 46, pp. 63 – 74. https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/viewFile/4877/2587
- Portugal, G. (2009). Para o educador que queremos, que formação assegurar. *Exedra: Revista Científica*, 1, pp.9-24. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3398286.pdf>
- Puskás, T., & Andersson, A. (2017). “Why Do We Celebrate ...?” Filling Traditions With Meaning in an Ethnically Diverse Swedish Preschool. *International Journal of Early Childhood*, 49(1), pp.21–37. <https://doi.org/10.1007/s13158-017-0182-8>

- Ramos, T. (2014). *De que forma é abordado o significado do Natal na educação pré-escolar*. [Relatório Final de Estágio, Escola Superior de Educação de Viseu]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu. <https://repositorio.ipv.pt/entities/publication/f6ba4aff-a259-4f5d-81bd-06ebed0ab5a8>
- Rego, T. (1995). *Vygotsky: Uma perspetiva histórico-cultural da educação*. Vozes.
- Rodríguez, G., Flores, J., & Jiménez, E. (1996). *Metodología de la investigación cualitativa*. Aljibe.
- Ribeiro, R., Pinto M., & Lima, M. (2019). Nota introdutória: Ressignificações da festa e identidades comunitárias. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6 (2), pp. 7 – 14. <https://hdl.handle.net/1822/63021>
- Sampaio e Melo, A., & Costa, J. (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto Editora
- Schuster, A., Ponte, M., Andrada, O., & Maiza, M. (2013). La metodología cualitativa, herramienta para investigar los fenómenos que ocurren en la aula – La investigación educativa. *REECT*, 4 (2), pp. 109 – 139. <https://exactas.unca.edu.ar/riecyt/VOL%204%20NUM%202/TEXTO%207.pdf>
- Siede, I. (2010). Efemérides y Conmemoraciones: A propósito del bicentenario de la revolución de mayo de 1810. *12 (ntes) Digital para el día a día en la escuela*, 8. https://issuu.com/riovictoria/docs/12ntes_digital-8/1
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direcção-Geral da Educação.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2014). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. FACTOR.
- Souza, L., & Bernardino, A. (2011). A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Educere et Educare*, 6 (12), pp. 235-249. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643>
- UNESCO (2003). *Construir Sociedades do Conhecimento* <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento>
- Vasconcelos, T. (2007). A importância da educação na construção da cidadania. *Saber (e) Educar* 12, pp. 109- 117. <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/714>
- Vygotsky, L. (2007). *Pensamento e linguagem*. Ridendo Castigat Mores.
- Tozoni-Reis, M. (2009). *Metodologia da pesquisa*. IESDE Brasil
- Tomazzetti, C. & Palauro, M. (2016). Datas comemorativas na educação infantil: quais sentidos na prática educativa?. *Crítica Educativa*, 2 (2), pp. 150-164. <https://criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/87>

Apêndice

Apêndice A – Consentimento informado aos Encarregados de Educação



CONSENTIMENTO INFORMADO

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Ano letivo 2023/2024

Ex.mos Encarregados de Educação

Eu, Bárbara Alexandra Pereira Guerreiro, encontro-me a preparar o Relatório Final da Prática Profissional II, na Universidade do Algarve (UAlg), com o tema “De que formas as efemérides dão resposta ao trabalho por projeto” que será orientado pelas Prof. Doutoras Teresa Malo e Maria Graça da Universidade do Algarve.

Neste sentido, solicito a sua autorização para a recolha de registos de produções, imagens e registos por áudio, que decorrerão de novembro a janeiro de 2023, no período da manhã.

A participação nesta atividade não implicará qualquer risco para o seu educando, sendo que este se irá encontrar no seu ambiente educativo regular e será acompanhado pela educadora titular da sala.

A confidencialidade de todos os elementos identificativos será garantida, sendo que os registos vídeos e áudios apenas serão visualizados por mim e pelas minhas orientadoras. O tratamento escrito dos dados será feito forma pseudonimizada(com recurso a códigos que substituirão qualquer elemento identificativo) e toda a divulgação (no repositório Sapiencia), respeitará os mesmos procedimentos. No final, as filmagens serão destruídas.

Agradeço, desde já, toda a vossa colaboração e coloco-me à sua disposição para qualquer esclarecimento.

Faro, 14 de novembro de 2023

A responsável

O (A) Encarregado (a) de Educação,

Apêndice B – Planificações das Atividades Realizadas

Planificação das Atividades					
Nome da atividade	Áreas de Conteúdo	Competências	Quando	Descrição	Recursos
<u>Dia do Obrigado- A flor do Gastão</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Área da Formação Pessoal e Social - Área da Expressão e Comunicação – subdomínio das Artes Visuais e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece os valores, como o agradecimento; - Desenvolve o sentido estético; - Desenvolve a sua criatividade; - Demonstra autonomia; - Menciona palavras relacionadas com o assunto; - Descreve e analisa o que vê; - Compreende o que é comunicado; 	6.ª feira – 12 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Mediação do livro “Eu digo Obrigado” (Crescer com o gastão) e explicação do que significa “Obrigado”. - Conversa em grande grupo sobre a história. - Criação de um ramo de flores da gratidão, alusivo à história. - Pintura da flor, individualmente e escrita sobre a gratidão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro - Ramo de flores - Tintas - Canetas - Esponjas e pinceis

<p><u>Dia Mundial do Compositor – Exploração autónoma e musical</u></p>	<p>- Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>- Área da Expressão e Comunicação – subdomínio da música e Domínio da matemática</p> <p>- Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>Desenvolve o sentido estético;</p> <p>- Desenvolve a sua criatividade;</p> <p>- Explora os instrumentos musicais;</p> <p>- Ouve diferentes géneros musicais e associa;</p> <p>- Explora as texturas dos instrumentos;</p> <p>- Contacta com diferentes texturas;</p> <p>- Conta o número dos instrumentos musicais;</p> <p>- Conhece géneros musicais de diferentes culturas;</p> <p>- Desenvolve o questionamento.</p>	<p>2.^a feira – 15 janeiro</p>	<p>- Criação de um ambiente sonoro com diferentes géneros musicais.</p> <p>- Nas mesas da sala estarão disponíveis vários materiais referentes à música, ao som, à função do compositor com várias texturas, para que o grupo explore autonomamente.</p> <p>- Criação de dois ambientes: os instrumentos musicais originais e os instrumentos musicais a partir de outros materiais.</p> <p>- Distinção dos sons, como grave e agudo.</p>	<p>- Música</p> <p>- Coluna</p> <p>- Instrumentos musicais</p> <p>- Notas musicais</p> <p>- Papel e caneta</p> <p>- Panelas de metal e taças de metal</p> <p>- Colheres de metal e de madeira</p> <p>- Tupperware de plástico</p>
---	---	--	--	---	---

				<p>- No fim, conversa com o grupo sobre o que sentiram, o que gostaram e breve explicação.</p>	
--	--	--	--	--	--

<p>Dia Internacional do Riso – Espelho do seu sorriso</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Área da Formação Pessoal e Social - Área da Expressão e Comunicação – subdomínio das Artes Visuais - Área do Conhecimento do Mundo 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece enquanto indivíduo; - Observa o seu próprio rosto; - Reconhece as suas características; - Identifica o seu sorriso; - Desenha o seu sorriso; - Desenvolve a capacidade de observação; - Demonstra autonomia no desenho; - Contacto com outros objetos; - Partilha com o grupo; - Desenvolve o sentido estético e criativo. 	<p>5.^a feira e 4.^a feira – 18 janeiro e 25 janeiro</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstração de duas obras de arte alusivas ao sorriso e às diferentes cores. - Questionamento sobre o elemento do sorriso, quando sorrimos e o que deixa contentes. - Exploração do espelho, olhar para o espelho e produção do seu próprio sorriso no próprio espelho com canetas da cor com a obra de arte que mais gostam. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espelho - Canetas - Papel - Obras de arte
---	--	---	--	--	--

Anexos

Anexo 1 – Narração da história: Eu Digo Obrigado, de Aurélie Chine.

Narração da história: Eu Digo Obrigado, de Aurélie Chine

A primavera chegou. O Gastão está de férias em casa dos avós, uma bela casa de madeira no coração das montanhas. Para aproveitar o ar puro, o Gastão toma o pequeno-almoço na varanda. A avó serve-lhe uma grande tigela de chocolate quente.

O Gastão precipita-se para beber, sem querer agradecer. Isso não agrada a avó.

A avó deixou uma surpresa para o Gastão no quarto dele.

- Um telescópio! Olha, Estrelinha! Vamos poder observar a natureza! – exclama o Gastão

Sem dizer nada, ele corre para o jardim.

- Gastão, fico contente por teres gostado do presente, mas podias ter vindo agradecer-me!

– diz a avó, de longe.

No jardim, o Gastão cruza-se com o senhor António, vizinho apicultor.

- Vem ver as minhas colmeias novas, meu querido. Vou tirar um pouco de mel e deixar às abelhas a parte que lhes pertence.

O Gastão está fascinado. O senhor António oferece-lhe um pouco de mel. O Gastão tem tanta pressa de ir contar tudo o que viu aos avós que se esquece de agradecer.

Está na hora de ir ao mercado. É preciso descer até à aldeia.

A avó e o Gastão encontram uma bela banca de frutos e legumes da estação.

- Hum, isto cheira tão bem, avó! – diz o Gastão.

- Toma, querido – diz a vendedora ao Gastão, oferecendo-lhe uma magnífica caixinha com morangos.

O Gastão fica todo contente, mas sente-se envergonhado. A sua crina adquire um tom ligeiramente arroxeadado. Ele não se atreve a falar nem a agradecer à vendedora.

- Gastão, é importante dizeres “obrigado”! – dia a avó, irritada.

- O...o...obrigado – murmura o Gastão.

O Gastão está aborrecido.

Sente-se culpado por ter irritado a avó. A sua crina muda novamente de cor. Então, tem uma ideia. Vai colher algumas flores e oferecer-lhe um raminho.

- Toma, avó!

- Obrigada, meu querido Gastão! Podes deixar aí, por favor!

A avó está ocupada a preparar a refeição e responde sem dar muita atenção ao ramo de flores.

“Vou pôr a mesa para me redimir!”, pensa o Gastão.

Mas os avós estão tão entretidos a conversar que não reparam. O Gastão fica desiludido. De repente, o avô exclama, satisfeito:

- Oh! Foste tu que puseste a mesa sozinho? Obrigado, Gastão!

- Adoro o cheiro destas flores! Mais uma vez, obrigada, meu querido Gastão, és mesmo um amor! – reforça a avó, radiante.

O Gastão sente-se orgulhoso e feliz por ter deixado os avós tão contentes. A sua crina fica toda amarela de felicidade.

Depois de comer, o Gastão vai para o quarto, para ao pé da sua Estrelinha.

- É importante dizermos “obrigado”. Mostra que nos apercebemos do que os outros fazem por nós – explica a Estrelinha. – Esta noite, pensaste que os teus avós não tinham reparado na surpresa que lhes preparaste e ficaste desiludido. Tal como aconteceu com a tua avó esta manhã. Apercebemo-nos melhor quando acontece connosco, como se nos víssemos ao espelho.

- É verdade. Tens razão, Estrelinha!

Na manhã seguinte, o Gastão lembra-se do senhor António, a quem se esqueceu de agradecer o mel e as explicações sobre as abelhas. O Gastão sabe o que deve fazer.

- Avó, posso colher algumas das tuas flores cor-de-rosa?

- Avô, ajudas-me a levar os vasos de flores ao senhor António, por favor?

O Gastão reparou que as flores da avó atarem as abelhas. Ele coloca os vasos ao pé das colmeias, para que as abelhas possam colher o pólen das flores sem se cansarem.

- Obrigado, senhor António e abelhas, por este mel delicioso! Obrigado, avó e avô, por me ajudarem com as flores! – exclama o Gastão, que recuperou as suas cores do arco-íris.

- Obrigado, Gastão! – respondem os adultos em coro.

Dizer “obrigado” só leva uns segundos e deixa toda a gente contente.